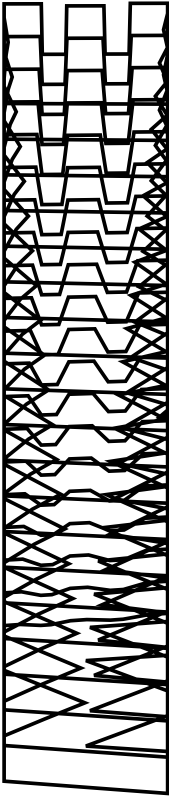


mirage_vol02

<< Se nós não as vemos,
não significa que
não estão lá >>

- Sean Carroll



Miscelânea
de Narrativas
Irreais Volume II

1ª Edição

MIRAGE_vol02

TÍTULO ORIGINAL

MIRAGE_vol02

DIAGRAMAÇÃO

Castro Pizzano

CAPA

Castro Pizzano

PROJETO GRÁFICO

CasaTreze Studio

Colaboração

Cláudia Spíndola

PRODUÇÃO GRÁFICA

Hezi Santos

ORGANIZAÇÃO

Washington Albuquerque

IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO

Universo Coverge

DIREÇÃO EXECUTIVA

Washington Albuquerque

DIREÇÃO EDITORIAL

Castro Pizzano

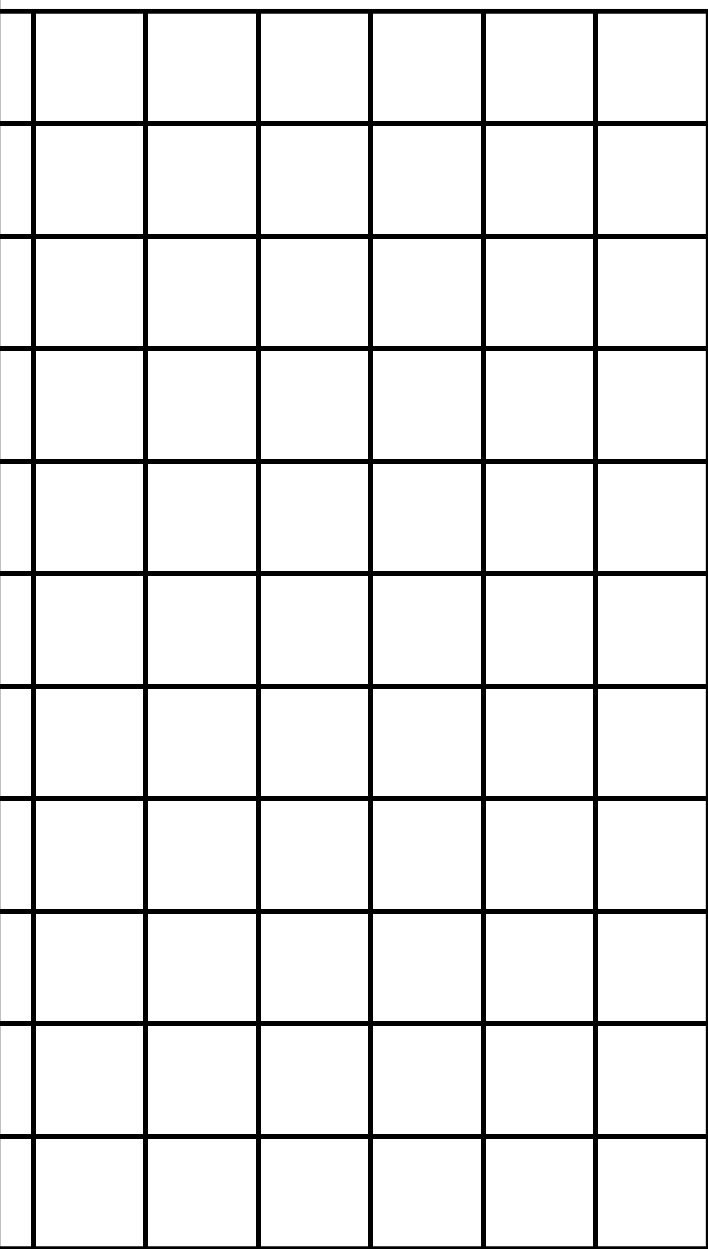
EDITORIAL

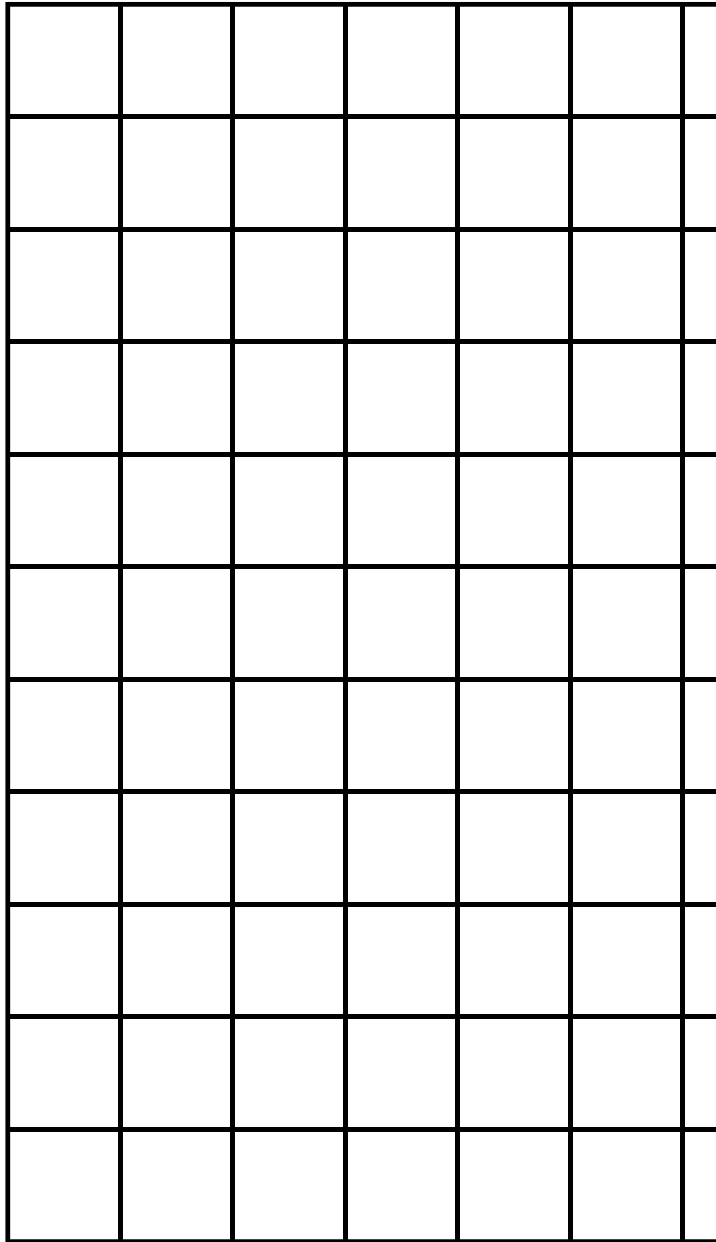
Cláudia Spíndola

Hezi Santos

COPYLEFT, 2019
EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

COVERGE / CASATREZE STUDIO
R. FERNANDO SIMAS, 705 - SALA 132
80430-190 - CURITIBA - PR - BRASIL





SUMÁRIO

10 / VISÃO

GUSTAVO GONÇALVES DA ROSA

16 / GIVERNY

RAÍSSA ASSUNÇÃO LACERDA

20 / REENCARNAÇÃO

POLIANA RAMOS OLIVEIRA

24 / O FUZILEIRO E O RATO

CARLOS BARTH

30 / UM CASO DE MORTE LITERÁRIA

CESAR LUIS THEIS

38 / ONDE NASCE O ARCO-ÍRIS

CAROLINA VALVERDE

44 / O ZUMBI DE FONES DE OUVIDO

SÉRGIO EDUARDO FELISBINO JUNIOR

48 / QUE SOPRE O VENTO

DAGUITO RODRIGUES

56 / O GUIA

THIAGO GALDINO

60 / LORD DOS MARES

LUCAS DELO SANTOS

70 / O QUE FICA

MARCO SARAIVA

76 / AFOGANDO EM ALGUM LUGAR PERTO DE VÊNUS

MILENA PLACIDO

SUMÁRIO

82 / COELHO 38

CELSO LOPES

90 / MARIA INOCÊNCIA

LUÍSA MARIA FERREIRA PINTO DE LIMA

98 / DESPERTAR NATALINO

PAULO FLORINDO

104 / O TEMPLO DO TEMPO

CORACY BESSA

110 / MEMÓRIAS DE NATAL

ALDENOR PIMENTEL

114 / ALGO PARA SE LEMBRAR

RODRIGO MENDONÇA

118 / AS INCERTEZAS DE CRPT

JOAQUIM LOPES BISPO

124 / CONTE-ME UM CONTO

VINICIUS SURIS

130 / NUVENS CINZAS

WELLINGTON OLIVEIRA DOS SANTOS

<< Se nós não as vemos,
não significa que
não estão lá >>

- Sean Carroll

/ VISÃO

GUSTAVO GONÇALVES DA ROSA

“Qual sua cor favorita?”

Digo, não a cor que mais gosta num geral. Eu quero saber a cor que mais gosta de ver. Ela diz muito sobre você, sobre a sensibilidade dos seus olhos. Acho que só assim posso começar a entender o seu ponto de vista em relação às coisas”

Nunca vi uma caneta amarela onde sua tinta não parecesse um verde fluorescente. Fica bonito no papel, mas o formato da letra não colabora para sua beleza fixar. Meu pulso se move com certa dificuldade, tentando escrever seu nome sem errar. É importante, erros não podem ser cometidos. Alguns são, é claro. Com o passar dos anos muitas coisas acontecem, nem sempre as coisas boas permanecem, algumas somos forçados a deixar para trás com o intuito de alcançar um futuro incerto. Amo a cor amarela, mas ela não consegue passar esse sentimento.

“Estou começando a caminhar por esse caminho imitando meus próprios passos”

Nunca vi uma caneta azul onde sua tinta conseguisse imitar a imensidão do oceano. Sempre tive dificuldade em escrever com elas, acabava borrando com mais frequência. Meus dedos se movem pelo papel tentando achar um trajeto por entre as linhas, onde pudesse anotar alguma mensagem útil para você. Nem que fosse um comentário bobo, fazendo piada sobre algum filme passando no cinema. Os anos sempre encontram seu fim, igual as estações. Verão sempre foi a minha favorita, mas nunca tive coragem de perguntar a sua. Me parece o tipo de pessoa que diria algo sobre amar o outono.

“Você consegue caminhar de olhos fechados?”

Nunca vi uma caneta preta onde sua tinta não ofuscasse as demais. Normalmente acabava a usando para ocultar erros, os jogando nas profundezas escuras do meu coração, onde ninguém iria encontrar seus restos mortais. Gostava de brincar usando meu caderno, onde as linhas eram da mesma cor, fazendo diversos quadrados separados uns dos outros. Escrevia nomes ali dentro, formando uma constelação formada por diversas pessoas, girando ao redor de alguma coisa copiada do quadro. Me pergunto quantas vezes seu nome aparecia no centro da página.

“É difícil. Meus olhos sempre procuram apenas por coisas invisíveis”

Nunca vi uma caneta roxa onde sua tinta transformava as coisas escritas em realidade. Pediria por notas melhores, por um novo bichinho de estimação. Minha mão não sabia os movimentos mágicos certos, sempre transformando as voltas feitas com aquela cor em um verdadeiro fiasco. Já fui forçado a fazer poesia por um longo tempo, minha caneta acabou falhando muitas vezes no processo. As rimas ganhavam lacunas, as lacunas roubavam o sentido. Ninguém nunca os leu, nem mesmo quem deveria ler.

“Você não deveria chorar, certas coisas se afastam do seu campo de visão por um motivo”

Nunca vi uma caneta verde onde sua tinta transcrevesse o som dos pássaros. Eles estão nos galhos esperando alguém os entender, mas meus ouvidos sempre costumam me enganar. As florestas têm entradas perigosas, onde suas saídas só podem ser encontradas após sobreviver a um gigantesco labirinto. Aves conseguem facilmente passar por tudo isso, tentando nos contar os segredos da imensidão esverdeada onde os monstros encontram um local para dormir. O mundo sobrenatural é feito de memórias, das quais minhas mãos tentam reproduzir sua grandeza,

mas acabam escrevendo apenas frases desconexas com a realidade.

“Queime o castanho nos seus olhos, só assim você verá a verdade por trás disso tudo”

Nunca vi uma caneta laranja onde sua tinta traçasse um pôr do sol real. Certas coisas apenas nossos olhos conseguem ver, apenas experiências podem ser cravadas no nosso peito e marcarem um momento importante de nossas vidas. Não importa quantas vezes escreva sobre o fim dos nossos dias, nenhum deles consegue ser igual a aquele que vimos enquanto domados pelo desespero. O mundo é repleto de coisas inconstantes. Nenhum dia chega a ser igual, da mesma forma que todas as tardes de verão causam um sentimento nostálgico no seu estômago. O céu ainda é o mesmo do final do ano passado.

“Mas e a dor? Eu vou conseguir ver ela também?”

Nunca vi uma caneta rosa onde sua tinta fixasse o cheiro das flores. Devem existir algumas por aí, mas nunca as encontrei. Minhas mãos costumam sempre procurar pelas coisas no escuro, nunca as encontrando. Já me falaram uma vez para escrever apenas sobre as coisas já memorizadas pelos meus olhos, das quais tenho certeza da existência. Buscar pelas coisas sempre foi uma tarefa difícil, principalmente das quais sinto o dever de criar. Sentimentos inalcançáveis sempre aparecem, da mesma forma que girassóis sempre podem ser vistos pela primeira vez. Sempre há uma primeira vez para encontrar as coisas, talvez o medo de se antecipar e às criar antes disso seja, de uma forma ou de outra, um certo tipo de motivação.

“Você vai ver muitas coisas ainda. Coisas brilhantes e inexistentes...”

Nunca vi uma caneta cinza onde sua tinta tornasse real a existência das coisas. O que não existe na nossa mente não pode ser encontrado em lugar algum. Por isso devem existir unicórnios por aí, em algum lugar, onde sereias e dragões fazem festa todo sábado à noite. Músicas ainda não escritas falam sobre isso, da mesma forma que histórias e poemas dialogam sobre um futuro não visto ainda. Todas as cores estão esperando por seu lugar num grande quadro ainda não pintado. Talvez, só talvez, sejamos escolhidos para darmos vida a essas coisas porque ninguém mais vai querer nesse vasto universo. Ou talvez por o universo ser tão vasto, cheio de criaturas incríveis, que possamos criar as coisas sem medo.

“Coisas belas e raras, banhadas pelo amor mais puro encontrado na galáxia...”

Nunca vi uma caneta marrom onde sua tinta lutasse contra as garras do tempo. Eventualmente encontrava seu fim, desaparecendo junto de folhas cheias de ideias descartadas. Minhas mãos cansaram, não conseguindo criar uma nova história. Todos encontram o momento de desistência, onde suas forças se esgotam após dar tudo de si em alguma coisa. Essas noites silenciosas, com lágrimas e socos na parede, onde dormir não é uma opção. Talvez sejam essas as vezes onde, mesmo que por alguns segundos, a beleza do mundo possa ser apreciada pelos humanos. As madrugadas frias se tornam manhãs quentes, dias demorados, noites alegres. O amanhã sempre vem. Ele sempre encontra um jeito.

“Todas essas coisas estão esperando os seus olhos. Elas querem ser vistas por você...”

Nunca vi uma caneta vermelha com uma tinta tão bela igual a essa. Balões solitários, fios do destino, nomes em túmulos. Todos já receberam suas graças em algum momento. Agora é a vez desta carta. Existem muitas coisas a serem ditas ainda, textos adormecidos para serem revelados ao

mundo. Nossos olhos podem ver apenas uma parte, mas eu acredito em você. No seu campo de visão. O seu modo de enxergar o mundo. As cores sensíveis ao seus olhos. Talvez todas essas tintas tenham sido gastas sem propósito, mas todas essas canetas escrevem suas próprias lendas, eternizadas por diversas pessoas coexistindo nesse mesmo universo. Todas compartilhando esse céu, sentindo medo do desconhecido, encontrando e desencontrando coisas especiais. Felizmente, graças aos olhos de cada uma, elas encontram suas individualidades. O mundo pode se despedir em breve, mas as cores que usamos para colorir nossas vidas vão encontrar um jeito de continuar. Elas já fizeram isso antes.

Um pouco de confiança faz milagres.

“E se você quiser vê-las também, o universo vai sorrir pra você.”

“O universo sabe sorrir?”

“O universo sabe fazer muitas coisas. Algumas delas nunca vamos entender, mas outras... você vai ver. Qual sua cor favorita?”

“A minha cor favorita é...”

/ GIVERNY

RAÍSSA ASSUNÇÃO LACERDA

Desta vez, tu apenas ouvirás. Sentarás comigo naquele jardim em Giverny, sentirás a brisa daquele verão nostálgico que sempre nos remeterá a Monet e Wagner e ouvir-me-ás. Dir-te-ei que sei sobre meu total envolvimento com a exaustão da tua alma. Dir-te-ei que a única pessoa culpada pelo desgaste da tua calma quer deixar-te livre para que tu encontres, nos olhos de outrem, todas as coisas que te faltam quando olhas nos meus.

Quero que tu partas, corra o mais rápido que pudeses. Desencontres a pessoa que sou dentro de ti para que encontres alguém que te mostre os jardins de Giverny da forma que eu nunca pude. Encontra alguém que te incite a permitir que a brisa tórrida deite nas maçãs do teu rosto e mude teus estados de espírito. Descobre alguém que alimente tua fome por independência e liberdade, que te olhe com calma e arranque de ti os sentimentos bons que, talvez, não queiras ver presentes em meio aos ruins.

Dir-te-ei que não sabes quanta beleza perdeste por minha causa; tu não tens dimensão das dimensões do mundo que estás perdendo. Mesmo que eu possa ver, em teus olhos, a dor que minhas palavras farão vir à tona, não deixarei que te pronuncies. Sei que negarás, veementemente, que desejas mais do que a realidade que obténs através de mim. Sei que, enquanto eu estiver me desfizer em palavras, teus olhos estarão repousados em mim e acompanharão a transição dos tons de cor que ornamentarem minha íris. Conseguirás ver, em certos tons quentes, a menina que conhecestes entre a quarta e a quinta nota da Claire de Lune da tua vida, e estes tons, tão ardentes, farão desaparecer as duras verdades que imploram por teu reconhecimento.

Em nossa primavera, tu significaste as facetas do mundo que eu

não podia enxergar sozinha. Tu foste os jardins de Monet banhados pela luz extraordinária de Rembrandt, tu me fizeste grandiosa como pessoa e instigaste a força de minha identidade quando eu não sabia quem era. E, por isso, quero que saibas que serei eternamente grata. Sei que, com a mágoa ardendo no peito, tu questionarás o que realmente foste para mim; onde tua vida impactou a minha, se eu clamo por liberdade, se a culpa reside em ti. Entretanto, a única responsável pela dor que sentirás é esta que te fala; não duvides da força com que me amaste e da amplitude que me proveste. Tu és sublime, mas não há quase nada em mim que pode nutrir tua imensidão.

Tu não desistirás tão facilmente. Tua mente se lembrará de mim naquele primeiro nove de Abril e tu recordarás meu corpo se libertando ao sentir a textura da grama. Tu recordarás meus sorrisos involuntários quando a sensação momentânea de liberdade me envolvia, tu te lembrarás dos teus dedos pressionando os meus daquela tua maneira tão dependente que ainda persiste. Tu te lembrarás, principalmente, dos meus olhos percorrendo as manchinhas cêreas da tua pele enquanto tu quase as fundias nas minhas. Tu fundias teu corpo no meu com uma delicadeza extremamente aprazível. Tua mente lembrará os instantes em que tu me entregaste tua vida e me imploraste para que a compartilhasse contigo e, nesse momento, tu quererás, desesperadamente, negar tudo que te direi. Por isso, desta vez, tu apenas ouvirás.

Tácito, sem qualquer espaço para reproduzires as mentiras que contas a ti mesmo. Assistirás os tons ardentes dominando meus olhos sem respeito algum por tuas e minhas dores; lembrarás o entrelaçamento de nossas mãos entre a sétima e a oitava nota da Claire de Lune de nossas vidas e então me deixarás ir à força. Como o vento mordaz que corta a grama sobre a qual me deitei tantas vezes nesse jardim de Giverny. Aqui, tantas palavras fluíram em silêncio entre nós e, agora, é onde te encontras enquanto me olhas com estes olhos cheios de dor.

Deixarás que eu me vá para que eu deixe que te encontre a pessoa que tanto te espera. E os jardins de Giverny finalmente serão seus.

/ REENCARNAÇÃO

POLIANA RAMOS OLIVEIRA

Lúcia no auge de seus 17 anos se tornou uma linda garota, com seus cabelos compridos e negros; seu olhar com um brilho estonteante e seu sorriso como a alvura das nuvens. Passou a ser cobiçada por olhares que a cercavam por onde fosse. Homens ou mulheres – por desejo ou inveja – paravam para admirá-la, ao passar.

Seus pais Júlio e Rebeca sentiam orgulho da filha, pois Lúcia tinha um coração valioso e uma alma piedosa. Nunca se vira alguém com tamanhas habilidades em bordados e pinturas, uma vez que ninguém a ensinou. Era puro talento.

Uma noite Lúcia teve um sonho. Uma mulher, cujo rosto não aparecia. Apenas os cabelos. Pediu à jovem que pintasse um quadro. Um ônibus, caído, dentro de um rio e algumas pessoas ao redor. Ao acordar, mesmo sem saber o que estava fazendo e sem contar aos pais, foi direto ao seu ateliê e fez o que a moça do sonho havia pedido. Pintou o quadro.

Passaram-se vários dias e eis que um amigo da família chegara com notícias de um acidente com vítimas fatais envolvendo um ônibus dentro de um rio. Espantada ao ouvir aquilo, Lúcia ficou sem uma gota de sangue em seu rosto corado, mas não proferiu nenhuma palavra. Mais uma noite passou e novamente a mulher misteriosa apareceu para ela. Dessa vez o quadro que deveria ser pintado era de uma moça que se jogara embaixo de um caminhão. Mesmo a contra gosto ela começou a pintar, não sabia por que, mas já não tinha o domínio de suas mãos. Uma força estranha a dominava. O que outrora era uma das tarefas mais gratificantes, hoje, havia se tornado a mais terrível das experiências, pois sabia o que viria depois. E veio. A notícia da mulher que havia se jogado embaixo de um caminhão, já não era novidade para Lúcia. Jonas e Rebeca começaram a notar a introspecção de sua única filha. Já não se via alegria, estava mais

apática a cada dia. Preocupados, tentaram por inúmeras vezes assuntar o que a afligia, mas era em vão. Um silêncio angustiante era o que eles tinham como resposta.

Um atrás do outro vieram os sonhos. A mulher, dos cabelos no rosto, pedia para que os quadros ficassem cada vez mais terríveis e medonhos. Lúcia no auge de sua fraqueza, não suportando mais aquelas cenas angustiantes, resolveu não atender ao pedido do seu último sonho. As conseqüências vieram. Ela teve febre por vários dias, caroços enormes saíam de seu corpo, seus cabelos já estavam ralos de tanto cair, só o amarelado dos dentes se via;

Um choro por todos os cantos da casa se ouvia. Era desesperador. Chamaram os médicos das cidades vizinhas e o único diagnóstico que vinha era de esquizofrenia, pois em seus raros momentos ela dizia que não queria mais ver a mulher sem rosto e ninguém entendia o que significava aquilo. Suas crises estavam cada vez pior. Entre um minuto de calma e o minuto seguinte ela se debatia e gritava que não queria mais sonhar, que não queria mais dormir. Rebeca tentando se conformar com a situação da filha resolveu arrumar o ateliê, o lugar mais bonito da casa, pois era onde

Lúcia fazia e guardava seus trabalhos de pintura e bordado, se deparou com a cena mais aterrorizante de sua vida. Um quadro por cima do outro com imagens de mortes, suicídios, desastres e infinitas coisas ruins que ninguém poderia imaginar. Um em especial chamou a atenção dela, estava em um canto escondido próximo a porta do ateliê e dava de frente para o quarto de Lúcia, uma mulher com os cabelos no rosto e roupas escuras, que não sabia quem era e nem tentou descobrir, sentiu calafrios e uma tristeza profunda, mas logo em seguida reuniu todos os quadros, e juntamente com seu marido começaram atear fogo em tudo e quanto mais colocavam fogo mais parecia que aquilo não teria fim. Um sorriso sinistro se ouviu quando o último quadro foi queimado. Rebeca se abraçou

ao marido e finalmente todas àquelas cenas angustiantes e aterrorizantes foram embora.

Ao retornarem para casa encontraram a jovem de pé, com os cabelos esvoaçantes, sem aqueles terríveis caroços e seus dentes nunca foram tão brancos. Suas roupas iluminadas como um dia de sol. Correram ao encontro da filha, para abraçá-la, mas o que eles não notaram foi que Lúcia já não fazia mais parte daquele plano terreno, ela havia se libertado de suas dores físicas. Os pais, de Lúcia, se mudaram para outra cidade tentando esquecer àquela dor imensurável e os comentários sobre o ocorrido.

Certo dia bateram à porta do casal e ao abrir não havia ninguém, aparentemente, mas ao olharem com mais atenção notaram uma cesta com um bebê que havia sido deixada lá sem identificação. Quando tiraram a manta, que a cobria, tiveram um misto de angústia e emoção, pois a pequena criança era uma linda garotinha com todos os traços de sua amada Lúcia.

Uma reencarnação.

/ O FUZILEIRO E O RATO

CARLOS BARTH

Se demorei vinte anos para tornar pública essa história é porque tive bons motivos. Não me faltaram os dissabores nesse período, não queria que à esses se somassem a pecha de mentiroso. Reconheço que essa é uma história surreal. Entretanto, agora nada mais importa. Cheguei aos quarenta anos com a sensação de ter fracassado na vida. A esta altura dos acontecimentos, ser tachado de embusteiro é o que menos me aflige. Por isso, despido de qualquer vestígio de amor próprio, trago esses fatos à tona.

Os acontecimentos aos quais me refiro aconteceram no ano de 1999. Contava, à época, 20 anos e era fuzileiro naval da Marinha do Brasil. Era madrugada, início de setembro, e nossa tropa estava perfilada no píer do porto no Rio de Janeiro para embarque no Navio Transporte de Tropas Ary Parreiras com destino a alguma praia do Espírito Santo com o objetivo de participar de um exercício militar que simulava uma guerra contra o fictício país de Cruzeiro do Sul. Nossa missão era tomar a praia e estabelecer uma zona segura a partir do qual as tropas se deslocariam continente adentro. Não era meu primeiro embarque, mas nem por isso estava sendo mais fácil.

Recordo que suava frio, nervoso, enquanto o comandante passava as últimas instruções. Não seriam toleradas bebidas, drogas, brigas e pederastias. Nada de provocações aos marinheiros e muito menos confusão com a polícia do Espírito Santo, enfatizava. Findas as recomendações do comandante, era a vez do enfermeiro passar suas instruções. “Vou capotar daqui há pouco”, era a única coisa que pensava.

- Senhores – iniciou Carvalho, enfermeiro do batalhão – tenho algumas recomendações. Primeiramente, se alimentem. Por pior que seja a comida, é preciso se alimentar para que as vísceras não fiquem vazias e a sensação de mal estar não aumente com o balanço do navio. Segundo: economizem

água. Terceiro: vomitem no vaso, não na pia. Lembrem-se disso. Apesar de eu repetir essa instrução a cada embarque, sempre tem um filho da puta que vomita na pia e entope aquela merda. Por último...

Estava chegando a hora. O suor aumentava. Um calafrio subia pela espinha.

Meu pior medo tomava forma. O enfermeiro prosseguiu:

- ... por último, mas talvez o mais importante: mantenham-se limpos. Principalmente as pontas dos dedos e orelhas para não serem comidas pelos ratos.

Não sei como não desmaiei. Pode rir, mas tenho pânico de rato. Em minha defesa, enfatizo que aqueles não eram roedores comuns. Eram ratazanas imensas, cinzas e abusadas. Não tinham medo de gente, as desgraçadas. Tinha vertigens, sentia as pernas trêmulas e a vista nublada. A tropa, em ordem de pelotões, começou a subir o passadiço para adentrar ao navio para a travessia. Fuzileiros foram dispostos pelos marinheiros nos porões da proa, sabidamente piores que os porões da popa. Malditos marujos. Não sei o que é pior, se os ratos ou os marujos. Os porões de proa eram divididos em três níveis: superior, para os sargentos, intermediário para os cabos e soldados veteranos e inferior para os soldados novatos.

O convés inferior era composto por dezenas de quadriliches. Quatro camas empilhadas, com um espaço entre cada uma que mal dava para se virar. Será que a ONU esqueceu dos fuzileiros navais na Declaração dos Direitos Humanos? A disposição da tropa dentro do porão era rigidamente segmentada por turmas de recrutamento. Esse é um código não escrito, mas fundamental na Marinha. Naturalmente, soldados que foram de uma mesma turma quando recrutados se mantêm unidos e não se misturam. São como clãs. Reunimos nossa turma 1/98 para dividir os passatempos para a travessia: chocolates e cachaça. Peguei minha parte do chocolate - da cachaça nunca fui muito chegado - e guardei na mochila. Com outro colega - que não identificarei pois o mesmo agora é delegado de

Polícia - peguei meu suprimento de maconha.

Após me instalar e fumar o primeiro baseado peguei na mochila os remédios para não dormir. Os famosos “rebites”, como os chamávamos. Tomei o primeiro. Estava decidido a não dormir durante toda a travessia. Aquelas ratazanas malditas não comeriam minhas orelhas. Ok, depois do que ocorreu concordo que foi estúpido, talvez não pelo rebite, mas pela combinação com a maconha. Algo não deu certo e ainda acho que aquela erva pode ter tido alguma influência no ocorrido. Bom, mas sigamos com a narração dos fatos para não perder o fio da meada.

No segundo dia, com umas 36 horas insones, percebi que meu raciocínio estava meio lento. Tive um desempenho pífio no jogo de Aliado, no qual era um dos melhores jogadores do quartel. Naquele mesmo dia também estranhei que o sargento Farias estava usando camuflado xadrez e falando russo, mas como sempre respeitei a hierarquia militar preferi não tecer qualquer comentário.

Foi no terceiro dia que aconteceu. Se acreditasse em Deus, jurava por Ele. Mas como não acredito, juro pela minha mãe, o que pra mim é muito mais sério do que comprometer minha palavra por um ser mitológico. Estava deitado em meu catre – catre parece ser mais apropriado do que cama para descrever “aquilo” no qual dormíamos – quando uma ratazana imensa, gorda e bigoduda, veio caminhando por cima do tubo da água de incêndio, parou próximo ao meu rosto, me olhou nos olhos e falou comigo. Isso mesmo: falou comigo! Juro por minha mãe!

- Perdeu, playboy.

- Perdeu é o caralho, seu rato escroto! – respondi.

A ratazana tomou um susto. Por aquela não esperava. Um fuzileiro está sempre pronto para o pior e está pra nascer o inimigo que me

pegaria desprevenido. Mas a danada tinha classe. Se recompôs e, juro pra você, deu uma risadinha zombeteira.

- Então você me ouviu... Confesso que fiquei surpreso.
- Não pense que vai me pegar desprevenido. Fique longe de mim...

Nos encaramos por um tempo que pareceu uma eternidade. Não sabia o que dizer, não sabia se aquilo era realidade ou alucinação. Além disso, interação social nunca foi meu forte. Traçava estratégias mentais para matá-lo. O que conversar com um rato? Ao final de um longo tempo consegui, brilhantemente, formular uma pergunta:

- Você me ouviu? – pergunta absolutamente redundante, eu sei. O animal deve ter questionado minhas capacidades cognitivas.

- Claro que sim! Surpresa, para mim, é que você me entenda. E olhe que estou nesse navio há muito tempo.

- Imagino o que já não vistes nesse inferno. Deves ter muita história pra contar.

- Já vi de tudo que se possa imaginar em relação a bebidas, drogas, violência e sexo. Vi bacanais e orgias homéricas. Marinheiros entediados sempre buscam alguma forma de passar o tempo...

- Fuzileiros também?

- O que você acha? – a ratazana estreitou os olhos zombeteiros.

- Não precisa responder...

- O tédio e as péssimas condições fazem aflorar no ser humano o que ele tem de mais vil. Confrontado com seus demônios o homem se comporta como um animal. É como dizia Nietzsche, se você olha muito tempo para o abismo, o abismo olha de volta.

- Era só o que me faltava... Um rato filósofo!

Já ensinava Sun Tzu na “Arte da Guerra” que o bom guerreiro deve ter a capacidade de reconhecer o valor do inimigo. Aquele oponente

não era bobo e talvez propor um armistício seria uma estratégia melhor do que tentar matá-lo.

- Meu camarada roedor, te proponho um trato: te alimento e garanto que não vá te faltar comida e em troca você se mantém longe das minhas orelhas.

A ratazana bigoduda considerou a proposta por breves instantes e aceitou o tratado de paz. A alimentei até o final da viagem. Tivemos conversas esclarecedoras e edificantes que corroboraram a impressão que tinha daquele rato como um animal de vasta cultura e sabedoria. Inclusive, me deu conselhos que se mostraram úteis ao longo da vida mas que não exporei aqui por serem de cunho pessoal e envolverem outras pessoas.

No outro dia desembarcamos em alguma praia capixaba da qual não recordo o nome. Permaneci na Marinha por mais alguns anos, mas nunca mais me ocorreu algo semelhante. Provavelmente você não acreditou no que leu e não o culpo. Eu tampouco acreditaria numa história absurda dessas se alguém me contasse. No entanto, sei o que vi e ouvi. A conclusão mais óbvia é que foi efeito do remédio, da maconha ou uma combinação de ambas, mas sou meio cético sobre esse veredito pois sempre fui experimentado nesses assuntos e nunca antes, nem depois, tive qualquer reação parecida. Alucinação ou não, tanto faz. Interprete como uma fábula se assim desejar. Pra mim foi real, até porque a realidade é uma convenção, uma estorinha que criamos na mente e julgamos como verdade.

/ UM CASO DE MORTE LITERÁRIA

CESAR LUIS THEIS

O despertador não parava de reclamar atenção, e não estava disposto a levantar, porém seus constantes protestos me impediam de pensar outra maneira de resolver o litígio, mais uma manhã cinza, tomei um banho e depois o café, antes de sair escovei os dentes, a caminho do trabalho observava pela janela do carro, nada parecia diferente, o trânsito de sempre, os mesmos sinais fechados e as músicas repetidas tocando no rádio, um pensamento fugaz, outro dia cotidiano se anuncia.

Cheguei ao trabalho no horário costumeiro, deixei o carro no estacionamento, desembarquei e caminhei em direção a entrada da delegacia, ao me aproximar como habitualmente, investiguei o ambiente com um olhar, enquanto vinha em minha direção Mônica, nossa nova estagiária, estava agitada, passos apressados, seu intento era interceptar-me antes do meu destino

Então, parei e preparei o sorriso que acompanharia o bom dia, enquanto imaginava o motivo do seu desassossego, mas, ainda era incapaz de desvendar o mistério que envolvia seus motivos, intimamente pressentia que não se tratavam de boas notícias... e na cidade maravilhosa em plena quarta-feira de cinzas não havia mesmo como ser diferente.

Nem tive o tempo de cumprimentá-la, Mônica me recebeu com um - vamos chefe, temos outro - talvez aquela frase até fizesse sentido, afinal estes são tempos bárbaros, e este parecia outro dia cotidiano de trabalho, seguimos ao centro da cidade, chegamos precisamente às 9h18min, alcei um olhar ao local, em frente a um sobrado no número 1006 da rua do Ouvidor, que contrastava com as outras construções arquitetônicas daquela rua.

A rua é famosa... prostitutas, cafetões e traficantes, criaturas soturnas que se esgueiram sorrateiramente pelas sombras do centro da cidade, já havia investigado naquela vizinhança mais de uma dúzia de assassinatos, de modo que conhecia até alguns mendigos que perambulavam por aquela área da cidade.

Mas, fui chamado a realidade do ofício, inicialmente isolar a área, afastar os transeuntes curiosos, que sempre contaminavam as cenas de crime, também jornalistas, sedentos por uma foto para as famigeradas notícias do meio dia, a presença da imprensa sempre complica a investigação em qualquer caso, e anteriormente, no caminho, Mônica havia me informado, se tratava de um escritor famoso.

Subimos pelas escadas de um sovino corredor, as paredes revelavam rachaduras dos açoites do tempo, pelo chão lascas de tinta, entrei e enquanto cruzava a sala avistei o cadáver em uma cadeira de madeira sem pintura, bem em frente a máquina de escrever.

O corpo estava debruçado sobre a máquina, onde não havia nenhum papel, o sangue que correu entre as teclas, manchou as folhas de papel sobre a mesa, e seguindo fez leito a procura de um destino, até formar uma poça ao lado da mesa... o cheiro era inconfundível, era sangue.

Quase como o prenúncio de um último insulto velado, o rosto estava coberto com uma máscara, me aproximei e enquanto me abaixava vi, era o coringa, especificamente o tradicional joker das cartas de baralho.

Embora aquela não era uma simples máscara, destas compradas em lojas de fantasias de carnaval, possuía um material de qualidade e acabamentos coloridos bem refinados, sem dúvida o material branco era porcelana, tinha adereços feitos de tecido e uma pintura colorida que guardava um estilo veneziano.

Continuei o escrutínio da cena, no centro o corpo mascarado debruçado sobre a máquina de escrever, os músculos rígidos, a pele pálida com tom amarelado-acinzentado, a cianose dos lábios e das unhas, o copo com uísque pela metade, a garrafa próxima a máquina de escrever ao alcance da mão direita, quase vazia, mostrando ser ele destro, não havia marca ao redor do copo, então bebia o uísque puro, pois se tivesse colocado gelo o suor do copo deixaria uma marca circular na mesa de madeira.

Então, fui interrompido, o legista, vinha removê-lo, confirmou a identidade, registrou a temperatura do corpo, tirou várias fotos da cena e inclusive do revólver, preencheu o formulário padrão para depois fazer

o relatório, então inesperadamente virou-se e fez uma inflexão acintosa carregada de ironia quase jocosa, - é doutor, aparentemente este foi suicídio, acho que foi o último carnaval do coringa - propositadamente ao mesmo tempo entregou-me a cópia carbonada do formulário com as primeiras informações pré-autopsia.

Era hora de recomeçar a investigação, o perímetro da cena estava isolado, o cadáver havia sido removido, as funções burocráticas cumpridas, geralmente preferia fazê-lo sozinho, afinal do que servem grilos falantes para quem quer resolver um enigma, Mônica já havia voltado para a delegacia.

Precisava interrogar a cena, idear ser o próprio suicida ou assassino, conjecturar os passos pela casa, dimensionar as ações, pressupor os movimentos, talvez presumir motivos e finalmente prognosticar a conclusão, afinal são os detalhes que respondem à pergunta - o que aconteceu? - e sabia que logo o caso seria notícia na mídia e a delegacia estaria lotada de repórteres com suas perguntas intermináveis.

A sui generis a particularidade na dispersão da mobília pela casa, transmitia um sútil vazio melancólico ao visitante e o levava a examinar hipóteses sobre o inquilino, a indagação logo era elucidada pelas memórias que emanam dos singulares objetos acumulados, provenientes de uma reclusa vida literária, resumida em uma prateleira de troféus, todos empoeirados, porém, nenhuma foto de família, detentor de um espalmado saldo bancário e um pequeno sobrado no número 1006 da rua do Ouvidor... e é claro, antes que esqueça, aparentemente de um revólver.

Abri uma gaveta da escrivaninha, apenas com alguns extratos de uma conta bancária minguada, provavelmente não seria uma tentativa de sequestro que acabou dando errada, era um escritor famoso, mas aparentemente não rico, nenhuma marca na poeira sobre os móveis que pudesse indicar a ausência de qualquer objeto, o dinheiro estava na carteira, estes excluíam completamente a possibilidade de assalto, todos os objetos dispostos e ordenados testemunhavam que não havia ocorrido nenhuma briga recentemente naquele ambiente.

O copo de uísque era o único que não estava no lugar junto aos outros, a garrafa também tinha uma pequena camada de poeira, combinando como as outras junto aos copos do bar, que indicava que ele não havia saído para comprá-la, e que estava a um tempo considerável em casa, o que eliminava a possibilidade de alguém tê-lo visto pela vizinhança, também aparentava estar sozinho, pois não havia outro copo fora do lugar ou lavado.

Inicialmente nada indicava alterações na cena, a linha do tempo dos acontecimentos estava coerente, mas, a perfeição realmente é que mais consome as certezas em uma investigação, afinal somos humanos, nossa natureza é para descuidos, pequenos desastres ou até eventualmente algum azar, qualquer que seja a ordem no caos sempre compõe um indício para suspeitas.

Novamente procurei entre as folhas grudadas pelo sangue seco, algum bilhete, pois os suicidas, deixam suas revelações na escrita derradeira, afinal todos fazemos algum alto juízo sobre nós mesmos, sobre um elementar altruísmo no acaso dos fatos do viver, inventamos um compósito existencial heroico que se sobressai as comezinhas e incongruências cotidianas da vida... e que assim em caso de morte provocada precisa de ponto final.

Mas, só encontrei páginas de um manuscrito manchadas de sangue, que estavam ao lado esquerdo da máquina de escrever, no título - A História de um Escritor Personagem - que naquele momento acabou por causar considerável avocação investigativa. Peguei o manuscrito e procurei no canto da sala onde sentar, pressentia que deveria ler aquelas páginas.

Logo no primeiro capítulo fui surpreendido: Sim, suicidou-se, revelo o final, pois não gosto de suspense ou alimentar falsas expectativas, como estes tipos que ao escreverem escondem suas verdadeiras intenções entre subterfúgios literários, assim como faz a sorradeira morte com os mortais.

E agora que sabes do final, que tu decidas, se te convém saber dos motivos, pois depois da morte nada a dizer, só existe o eterno inexequível

silêncio, então só resta anteceder, afinal não foi assim sem mais nem menos ou por falta de coisa melhor a fazer que tirar a própria vida... e também não poderia fazê-lo sem um preparo cuidadoso, pois ninguém quer errar no último ato da vida.

Estava abarcado entre a realidade de um suicídio... ou talvez um assassinato... e a ficção de uma obra literária, que de forma perfeita se sobrepunham incessantemente, as cores das paredes, os objetos, a disposição dos móveis, o ângulo dos raios de sol matinais que cruzavam a janela de vidro incidindo sobre os objetos da mesa e produzindo uma singular trama de sombras no tapete da sala, gradativamente me percebia aprisionado em um universo incomensurável de sucessivos *déjà vis*, a ponto de não saber, se as frases atribuíam sentido a complexidade da realidade... ou se os objetos e fatos reais imanavam materialidade ao enredo ficcional, permanecia alternando entre a condição de leitor, escritor e personagem.

Passadas cinco horas ainda examinava atenciosamente as páginas finais do manuscrito, a procurava de uma pista ou prova contundente para a solução do caso, e entre as páginas encontrava detalhes: Posicionou displicente o revólver, o tambor estava completo, o dedo no gatinho, um último suspiro e o escarro fumegante da boca do revólver atravessou sua têmpera até parar na parede, o corpo em um último movimento deitou-se sobre a velha máquina de escrever, que lhe ajudou a eternizar na literatura algumas alegrias e as mordazes tristezas, desafetos, saudades e decepções de uma vida de escritor.

Então conclui que o tiro deve ter produzido um estampido que ecoou entre as paredes para o estreito corredor e provavelmente chegou aos ouvidos de quem estivesse na calçada próximo ao sobrado, porém talvez ninguém transita-se por ali àquela hora da madrugada.

Então analisei não poderia ser a quarta-feira de cinzas data mais apropriada para pôr fim a uma vida, afinal realizará seu terminativo desejo de brincar o carnaval como se não houvesse amanhã, e para isso escolherá a mais apropriada das mascarás ao enredo da trama mortal, o coringa, que as multifaces tão bem simbolizam quem passou a vida inteira na gangorra

entre realidade e ficção, escritor e personagem.

E dando prosseguimento, pois os fatos e o tempo na narrativa, são absortos da vontade do narrador, no momento que saia do sobrado no número 1006 da rua do Ouvidor, estava convicto que se tratava de suicídio, porém, sai sem elucidar outra questão, o manuscrito era um bilhete de suicídio ou aquele suicídio era um plágio da história, afinal ecoava na minha mente o título da obra: A História de um Escritor Personagem.

Fim.

/ ONDE NASCE O ARCO-ÍRIS

CAROLINA VALVERDE

– Ditôooooo, Diiiiiiito, amanheça! São seis e dez, e o galo já cantou quatro vezes e meia. A primeira foi meio rouco porque tinha acabado de acordar; a segunda, tremido, parecendo a rabeça do Minduim naquele forró que teve na abertura da venda do Chico França; a terceira, foi gaguejando, e a quarta, curto e muito alto. Parecia um tiro de carabina!

Um grito! Nessa eu acordei. Mas achei foi bom, porque dormi pensando em você. Quanto mais a gente aproveitar o dia, melhor. Ah, e o meio canto depois da quarta vez, só eu ouvi. Também, é um galo só pra dar conta daquele galinheiro todo. Até galo cansa. Você sabe, lá em casa a vida começa antes do sol apontar. Faz um tempo que estou esperando dar a hora de vir te chamar. Já chupei caldinho de flor vermelha, já achei cavalo nas nuvens, já rodei pião... Não tinha mais nada pra fazer. O relógio não anda do jeito que a gente quer. Tem um jeito de rodar que é só dele mesmo. Abra sua janela pra mim.

Consegui acabar a contagem das penas pretas da galinha zebrada antes que minha mãe catasse a pobrezinha no quintal e a fizesse refogada para esperar meus padrinhos chegarem. Ela gosta de deixar tudo pronto muito antes da hora. E você disse que era impossível contar penas de galinha. Viu? Consegui! Sou teimoso, Dito. Você sabe. Talvez os padrinhos venham nessa semana ainda. Não vão nem acreditar quando virem o tanto que cresci! Nas cartas sempre perguntam por você. Dito, você está me ouvindo? Tem um tanto de dia pela frente! E achei um mato cheio de plantas que soltam peninhas. Perto da mina. Vamos lá soprar? Antes que o vento chegue antes da gente. E do lado delas tem também uma moita de Dorme Maria. É impressionante! Só encostar a ponta do dedo nelas que se encolhem. Faz um tempo que eu não encontrava dessas por aqui.

Prometi pra mim mesmo que não ia te contar, mas não aguento.

É que encomendei dois estilingues ao padrinho Raimundo – um azul pra mim e um verde pra você. Pra não confundir. Daqueles bons mesmo, de madeira forte e escura. Mas não é pra matar passarinho não. É só pra gente apostar quem atira pedras mais longe lá no lago perto da estrada que entra pra fábrica de queijo do pai do Zoín. O lago está um pouco vazio, mas ainda dá pra gente brincar. Lembra da última vez que fomos? Meu braço ficou até doce no outro dia, de tanta dor. E não adiantou nada, porque você ganhou. Lembra disso, Dito? Com estilingue é bem melhor! Bem melhor! Dá pra fazer pedra voar! Meu pai escreveu uma carta pra eles e deu uma pontinha do papel pra mim. Aí, me lembrei de nós.

Eles responderam dizendo que já estão na mala. Mas disseram que o meu presente mesmo, o de aniversário, é surpresa. Tô doidinho pra ver. Você está se lembrando que faço dez anos depois de amanhã? Sabia que ontem a noite encontrei um pelo bem fininho lá embaixo. Mostrei pro pai e ele disse que tô virando um homem. Acho que é verdade. Assim me sinto. Já pensou quando pudermos pegar mel sozinhos? E de madrugada? Mel de jataí? Vai ser bom isso, meu amigo. Ah vai!

Advinha novidade – Leninha parou de chupar bico e está amuada por causa disso. Mas é que já tem quatro anos. Tá na hora mesmo. Quando se esquece disso, da falta que sente, diz que é valente e que vai conseguir. Coloca uma cana na boca e sai mascando. Diz que mãe tirou o bico dela que é para os dentes não ficarem tortos demais para fora, feito dentuça. Mais do que já estão. Mas às vezes, quando sente sono, fica chorando baixinho pelos cantos da casa. Dá é dó, tadinha da menina. Fica procurando pela casa toda. Eu entendo. É difícil demais a gente mudar uns costumes. Mãe me diz que é pra eu ficar distraído dela com minhas histórias. O problema é que quando conto, ela sente sono e aí sofre. Se não posso ajudar, não devo atrapalhar.

Queria te contar outra coisa. Aprendi que dá pra escovar os dentes

na hora do banho. Você já experimentou, Dito? É uma delícia! Enquanto a gente sente o fresquinho ardido da pasta na boca, a água quente cai na cabeça e nas costas. Tenta pra ver. Aposto que vai gostar também. Dito!

Fala comigo, Dito, senão os outros vão achar que fiquei ruim da cabeça porque estou conversando sozinho aqui no degrau da escada da sua casa. Você dormiu muito tarde ontem? Foi isso? Foi? Lá em casa, escureceu, a gente tem que ir pra cama. Pai fala que a gente aprende saúde é com os passarinhos.

Semana passada mãe me contou que um menino chamado Beto, bem da nossa idade, se mudou pra aquela casa onde o finado Joãozinho De Uma Perna Só morava. Sabe onde é? Aquela casinha que fica perto do açude onde escondemos nossas varas atrás de uma castanheira. Foi até bom me lembrar disso. Faz tempo que a gente não pesca. Da última vez foi uma beleza! Uns mil tambaquis. Sério mesmo. E nem foi com minhoca.

Foi com miolo de pão velho mesmo. Comi tanto peixe que até enjoiei. Acho que deu pra mais de mês. Mas então, mãe disse pra eu ir lá conhecer esse tal de Beto. Mas não quero ir sem você. Anima? Mas... pra que preciso de mais um amigo? Ela disse que o menino parece bonzinho e que tem uns três cachorros. Filhotes. Isso sim me deu vontade de ver.

Dito, minha coleção de mosquitos só vai aumentando. Já consegui juntar dois vidros cheios daqueles de azeitona que minha mãe estava guardando pra colocar miçangas. Agora ela deu pra bordar chinelo. Fica com a mão toda furada e com a cara melhor do mundo. Vai entender as mães! E a sua coleção? Faz tempo que a gente não compara. Sábado mesmo consegui catar um enorme. Achei ele lá no curral pousado no esterco. O peito do bicho é azul escuro, quase preto, e as costas, verde musgo. Sério. Tô mentindo não. Parece um besouro, mas não é. Nunca vi um daquele tipo. Quando sair daí desse quarto eu te levo lá em casa pra você ver. E

tem outro também que tem uma asa pequena de um lado e uma grande do outro. Nasceu aleijado, coitado. Por isso ele ficava voando em círculo. Voava tanto que ficou tonto, tontinho. Esse foi fácil de capturar. Não, não mato não. Nenhum deles. Pego na concha da mão. Tenho treinado bastante. Pego o inseto vivinho! Estou cada vez melhor nisso. Mas eles acabam morrendo depois, mesmo eu furando a tampa dos vidros com prego fino. Faço bem uns cinco furos pra que eles possam respirar com folga. Fico pensando por que será que eles morrem. Você sabe me dizer se mosquito come? Será que eles morrem é de sede e de fome? Ou será que é por que eles ficam sem espaço pra voar? Capaz de ser isso, Dito. Capaz.

O que nasce pra fazer uma coisa, se não faz, acaba morrendo. Igual o vô Célio. Morreu depois que o médico disse que ele não podia trabalhar mais por causa da diabetes. Ficava murcho, andando de lá pra cá, sem serventia. Tenho certeza que ele morreu foi dessa morte e não da doença. Certeza! Um homem que não sentava nem pra almoçar, ficar sem fazer nada... devia mesmo ser doído.

Você, hein Dito... Aposto que está aí, bem me ouvindo e fingindo que dorme. Te conheço não é de hoje. Tá igualzinho aquele dia em que Maria Célia apareceu na festa junina da escola e você fingiu que estava dormindo só pra não ter que falar com ela que tinha sonhado que deu um beijo nela. Me lembro como se fosse hoje. Claro que ela não acreditou. Quando é que alguém dorme em plena festa? Só você mesmo... Mas não tem problema não. Sei que gosta de ouvir minhas histórias e meu pai sempre diz que nem sempre a vida nos devolve o que a gente planta. Então vou falando aqui, até que você me responda.

Ah... e sabe aquele tanto de lagarta que a gente viu na raiz do cajueiro que tem no sítio do Dr. Antônio? Então, Dito. Virou tudo borboleta! Juro! Eu vi na hora que aconteceu, acredita? Estava levando requeijão que mãe fez pra Dona Neuza. Não tem conta a quantidade de

borboleta que vi nascer e sair voando. Em bando! Você precisava estar lá. Foi perto de umas duzentas borboletas gêmeas. Todas daquelas pretas com laranja, sabe? Mas o mais lindo não foi isso. Elas começaram a voar no começo como se estivessem soluçando. Depois foram pegando o jeito e todas, bem juntinhas, como se fosse uma nuvem de borboletas, começaram a ir em direção à plantação de girassol da fazenda Pouso Alegre. Eu larguei o embrulho de requeijão e fui correndo atrás delas. Claro, né, Dito? Não podia perder aquilo, mesmo que minha mãe ficasse brava e escondesse meus livros. É, ela deu pra fazer isso agora. Disse que acha que estou preferindo ler que viver e que isso é um perigo perigoso.

Mas então, fui correndo tanto que me deu até caimbra nas canelas. As borboletas aprenderam a voar rápido demais. Impressionante! Nem bem nasceram e já estavam espertas daquele jeito! Mas valeu a pena! Sabe o que vi? Sabe o que vi, Dito? Vi onde nasce o arco-íris. Juro! Nunca poderia imaginar que fosse tão perto de nós! Bem ali, na plantação de girassol. E nós que já andamos por esse pasto inteiro atrás disso. Enfim encontrei. Preciso te levar lá. Agora já sei o caminho direitinho.

Dito, lembra, vai? Tem muita coisa pra te mostrar. Parece que não te vejo faz tempo. Minha vó fala que saudade de quem a gente gosta de verdade acontece é desse jeito mesmo. Um pouco de tempo sem ver a pessoa, parece um ano. Mas chega a doer. Bom, vou lá em casa tomar um gole de água e volto. Minha garganta secou. Falei mais que pardal sem bando! Mas eu volto. Me espere. Quero ouvir sua voz.

/ O ZUMBI DE FONES DE OUVIDO

SÉRGIO EDUARDO FELISBINO JUNIOR

Tem um zumbi com fones de ouvido me olhando. Está do outro lado da sala, olhando direto na minha direção. Cruzo a porta e me escondo. Espero ansiosa, tentando escutar passos. Que droga! Desde que acordei tem zumbis para todo lado, carcomidos, apodrecidos e sujos de sangue seco. Não consigo sair dessa casa. Estou confusa ainda, minha mente não responde direito, não consigo pensar claramente.

Lembro das coisas que falam sobre zumbis nos filmes. Que são atraídos por som alto. Por sangue. Por pessoas. E por movimentos rápidos. Bom, nesse ponto estou bem, não consigo me mover direito. Então ando devagar e cambaleando. Devo ter ficado muito tempo desmaiada. Caminho lentamente pelo longo salão, meio trôpega. Um zumbi vestido com roupas chiques me olha. Fico parada. Ele olha para o outro lado. Terno, acho que ele usava um terno. Mas faltava um braço.

No longo salão com teto brilhante e alto há mais zumbis. Tem dois corpos no chão e mais alguns caminantes. Olham na minha direção e fico parada. Depois que eles se viram, caminho mais um pouco. Há uma mulher de vestido longo olhando com seu olho solitário para mim. Novamente paro e espero ela me esquecer. Mais uma, duas, três mulheres, todas em vestidos de festas, todas horríveis em sua morte seca e poeirenta. Caminho devagar e com cuidado, mancando um pouco.

Quando me machucara? Não lembro direito. Estou tão entorpecida que nem dói mais. Quando saio do salão, lá está ele de novo, o zumbi de fones de ouvido. Como ele chegou aqui? Droga, está me seguindo. Essa certeza me deixa zozna e cambaleio um pouco. Volto para o salão e procuro outra saída. Já sei, posso passar para as escadas! Movo-me com cuidado, mais devagar ainda agora que sei que fui notada. Chego à beira do amplo balcão e olho para as escadas.

Estão livres. Zumbis não sabem subir escadas, nem descer. Acho. Daqui consigo ver vários deles, alguns quebrados ao meio. Devem ter caído da escada. Longa escada de pedra, que faz uma grande curva e se junta à que vem do outro lado. Tem um tapete que deve ter sido vermelho, coberto, em parte agora, de sangue seco marrom, pedaços de pedra e corpos. Só quando me aproximo mais percebo que estou presa.

Deve ter... O que? Centenas? Dezenas? Um grande punhado deles lá embaixo.

Estes que encontrei aqui em cima me ignoram se eu ficar quieta. Será que funcionaria lá embaixo?

Eu me viro a direita e ando de volta para a primeira sala. Que casa mais estranha! Grande demais, cheia de tinta brilhante, quadros, sem móveis, sem cadeiras; parece muito velha. Mas a tinta não parece tão velha. Droga, me distraí de novo. O zumbi de fones de ouvido me alcançou. Ou me passou, não sei. É difícil pensar. Ele fica me encarando. Como escaparei? A qualquer momento ele virá me atacar. Grudada no batente da porta eu contorneio e saio para uma saleta, sem tirar os olhos dele. Finalmente ele não me olha mais. O perdi de vista. Não é uma saleta, parece um corredor comprido e largo. Com mais zumbis. Estes estão vidrados uns nos outros. Vejo instrumentos... instrumentos... tem alguma coisa a ver com música. Músicos, eles eram músicos.

Onde estou? Só lembro de cochilar na sala de casa, com sofá e cadeira e de beber algo quente – chocolate quente. Como vim parar aqui? Onde está meu sofá e cadeira e chocolate quente? Divaguei. Fiquei parada, não sei por quanto tempo, pensando em minha própria casa. Não estou nela. Tem algo errado com esses zumbis, eles só olham.

Andam, esbarram e andam de novo. Estão velhos e carcomidos,

gastos e empoeirados.

Não são como os dos filmes. Nada de sussurros de cérebros, cérebros!! Não correm também. Ainda bem, só consigo mancar. Ando pelo longo corredor e passo pelos músicos zumbis. Que música um zumbi faria?

Não me notam. Somente o zumbi de fone de ouvido me segue, implacavelmente. Sei que está atrás de mim, mas não me viro, nada de movimentos bruscos, eu não posso correr.

Atravesso o longo corredor corredorlongo e paro na beira da escada. Linda escada. Sujaescada. Tem corpos caídos nos degraus. Tenho medo de tropeçar. É difícil andar. É difícil pensar. Estou exausta. Devo ter dormido em pé por algum tempo. Onde estou? Já estive aqui antes. Música e roupas chiques. Parece um ... palácio? Um teatro? É isso? Como vim parar aqui?

Sinto-me girar lentamente. Ele está atrás de mim. Olhando para mim com seus estúpidos fones de ouvido. Estão só ali, pendurados, não ligados a nada. Grandes, enormes e feios sobre a cabeça. Falta a bochecha esquerda e um pedaço do queixo desse lado. Um pedaço da garganta também. Não é um zumbi homem. É uma zumbi me olhando nos olhos.

Por que não me ataca?

Estico meu braço até os meus dedos encostarem nos dedos gelados dela. Minha palma encontra a sua palma seca e poeirenta e ficamos nos olhando nos olhos. Minha mão está ferida, mas não sangra. Faltam pedaços de pele nela.

Secos e poeirentos.

/ QUE SOPRE O VENTO

DAGUITO RODRIGUES

A vida é um sopro. Alguém disse isso, Clarissa não lembra quem.

Felizmente nossas memórias apagam tudo de ruim e exaltam tudo de bom. Só assim conseguimos encarar o passado. Clarissa sabe bem.

Ajeita as malas perto da porta e levanta uma das cadeiras velhas da sala, é um esforço para ela. O móvel não para em pé, uma das pernas quebrou. Vai até a mesa de madeira e passa a mão enrugada sobre o tampo decrépito. Toca a aliança que ainda leva no dedo anelar esquerdo.

A sala de Clarissa é a mesma de Ana Luíza, que é a mesma de Elisa.

Ana Luíza deita a aliança sobre a imensa mesa de madeira. Não assume nem para ela mesma, jamais queria ter sacado do dedo. Orgulhosa como toda jovem, finge naturalidade com o divórcio. Está mesmo é devastada. Elisa percebeu assim que chegou, não só pelas olheiras e pelas marcas de choro, mas pelo jeito estranho que Ana Luíza penteou o cabelo, para o lado, e pela combinação esquisita da roupa. Ana Luíza jamais receberia Elisa assim.

Entre as mulheres, uma mureta. Uma parede baixa divide o casal. Em vez de pesados blocos de concreto, malas de viagem. Bagagens que agora repartem as sobras de uma vida a dois. São apenas sombras do casamento, restos de tudo que foram juntas.

O que é dela? O que é da outra? Quem pagou fica, ou quem se apegou leva?

Elisa nem queria ter vindo, não quer ficar com nada. Só apareceu porque Ana Luíza precisa de um ritual, uma cerimônia simbólica, um fim oficializado. Já não estão mais juntas, estão separadas. Distribuídas pelas malas de viagem.

A mesa, a grande mesa das duas, agora é só uma mesa de sala. Imensa, ficará com a casa, com Ana Luíza. E com a próxima esposa dela.

Isso incomoda Elisa, ela percebe. Os quase seis anos que viveram juntas ainda pesa, é difícil imaginar a ex com outra. Dá raiva.

Por isso, desconta em Ana Luíza. Briga por um livro que nem leu, que jamais vai ler. Presente de alguém que não lembra quem era, dado num ano que nem se recorda mais. Não sabe se foi dado a ela ou a Ana Luíza. Pouco importa, briga por ele. Xinga, exige, agride.

Em que momento exato o amor se esvai? O que fica de tudo aquilo?

Ana Luíza está vulnerável demais para discutir. Segura um retrato vazio. Uma moldura onde antes havia a imagem do casal. Coloca na mesma mala da pulseira prateada, presente de aniversário de namoro. Ana Luíza deu para Elisa ou foi o contrário? As duas usaram tanto. Anita e Lis, as mulheres que eram, adolescentes e lindas, quando eram uma só. Assim se tratavam. Apelidos que já não fazem sentido.

Elisa decide, então, que quer as cadeiras. Está possessa, quer levar cada uma delas embora. Não quer que nada que construíram juntas, que fez parte da história delas, seja usado por outra. Não quer e ponto final. Vai levar a mesa também.

Ana Luíza e Clarissa se sentam na enorme mesa de madeira. É outono e a tarde está ensolarada. Depois de tanto tempo juntas, as senhoras já se acostumaram com as refeições de janela aberta. Ana Luíza está cansada, dormiu pouco naquela noite, os remédios andam fortes demais. Clarissa percebe, é difícil ver a mulher que ama tão debilitada.

Aquela será a última refeição das duas.

Ana Luíza será levada ao hospital em poucas horas, para novas sessões de quimioterapia. Não há esperança, o médico pediu que Clarissa se preparasse. Ana Luíza dificilmente voltará para casa.

Clarissa coloca as xícaras e o café sobre a mesa desbotada. A cafeteira se desequilibra numa parte quase apodrecida, envergada pelo sol. Distribui os bolos e os doces com cuidado.

Ana Luíza troca os nomes e chama Clarissa de Elisa.

Vem se repetindo nos últimos dias. Incomoda, claro, mas dizer o quê? Está doente, nas últimas. Brigar? Não vale a pena.

Elisa...

Ana Luíza não se lembra de muita coisa. Já esqueceu do quanto amava mexer com madeira, planejar e construir móveis artesanais. Há quanto tempo foi aquilo? Se dedicou à carreira, aos altos salários, às promoções, às madrugadas perdidas no escritório. Ao menos o trabalho rendeu um belo plano de saúde, que hoje permite um mínimo de dignidade.

Clarissa, já velha e com tão pouco tempo sobrando é que teve coragem de se jogar na dramaturgia, de mergulhar nas letras e nos enredos, de criar as próprias histórias. E veio a doença de Ana Luíza. Clarissa teve de adiar tudo mais uma vez. E agora está ali, servindo bolo com café para a esposa idosa.

O que mais dói é quando Clarissa desconta em Ana Luíza. Quando vomita labaredas, quando atira flechas, quando arranha sem tocar. É tão complicado lidar com aquilo. Dói e se arrepende depois. São escolhas.

Ana Luíza quer uma das cadeiras no hospital.

– Levar para quê?

– Eu gosto delas.

– São apenas cadeiras.

Clarissa, agora, encara a sala vazia. Suja. A cadeira da perna quebrada, a mesa torta. Finalmente conseguiu vender a casa. Ajeita os óculos pesados. É a última vez que olha para o lugar onde esteve com Ana Luíza, pouco antes dela morrer. Era tão mais bonito na lembrança, tão mais vivo.

Agora é ruína.

Por que a esposa morta gostava tanto daquelas cadeiras? Daquela mesa? Dos vasos de barro? Encarando a casa imunda, Clarissa não faz ideia de que ela foi palco da separação de Ana Luíza e Elisa. Não faz ideia da importância da existência de Elisa.

Resolve tirar fotos, fotos de tudo. Da casa, dos objetos. Das marcas dos quadros que um dia já estiveram nas paredes. É ingênuo, ela sabe, mas quer guardar para sempre a poesia que se esconde entre o que viveu e o que gostaria de ter vivido. Como se a fotografia fosse um registro da emoção. Como se imprimisse tudo que ela não vai lembrar e tudo que ela não pode esquecer. Clarissa quer guardar para sempre o que foi e o que poderia ter sido.

Era entre a lembrança e o esquecimento que Clarissa se encontrava na tarde em que Ana Luíza foi levada para a última sessão de quimioterapia. Punindo a si mesma por cada pequena grosseria, por cada explosão de sofrimento naqueles anos finais.

Às vezes tratava a mulher de forma violenta, como se tivesse sido uma escolha dela contrair a doença. Como se ela tivesse desistido da luta. Como se tudo fosse opção nossa. Não é?

Foi pesado para Clarissa. Ela viveu o inferno durante os anos da doença. Enfermidade maldita, não destrói só o corpo, mas a rotina de quem está em volta. Uma doença que mina a felicidade aos poucos e que traz ainda em vida cada faceta da morte.

Clarissa ajeita a franja de Ana Luíza, cansada demais para falar qualquer coisa. Tenta sorrir. Vê que os lábios da esposa adoecida estão secos e, os dentes, sem brilho. Quem é essa senhora na frente dela? Esse rosto sem cor? Essa velha doente?

– Coloca uma música – pede Ana Luíza. E Clarissa põe. Aquela que escutavam quando se conheceram. Que embalou noites e madrugadas românticas. Quando transavam o tempo todo. Quando faziam promessas eternas de felicidade. Quando planejaram viagens que jamais aconteceram. Quando prometeram uma morte tranquila, lada a lado, num gramado perto da praia.

A canção cobre o silêncio da sala, uma sala muito diferente do que já foi. Uma sala que só continua a existir na memória. Uma sala amarelada,

ensolarada, cheia de móveis artesanais e carinho. Carregada de futuros possíveis.

É lá que Elisa se despede, ao som de uma música. Canção que Ana Luíza vai se pegar cantando por muito tempo. Enquanto lava a louça, ou rega as plantas. Enquanto toma um banho gelado, ou termina de fritar batatas.

Clarissa ouviu a vida inteira a esposa cantar essa música. Achava que era das duas.

Elisa abraça Ana Luíza ao som da canção. Ficam um tempo entrelaçadas, mergulhadas na mistura do cheiro delas. Pela última vez.

É o fim da história, é o fim do casal.

Elisa e Ana Luíza, juntas, nunca mais. Se despedem.

– Obrigada por tudo.

– Foi lindo.

E Elisa, arrasada com o fim do relacionamento, segurando as malas carregadas de pedaços e restos de uma vida, surpreende Ana Luíza.

– De que adianta eu levar as cadeiras se a mesa vai ficar? De que adianta levar as cadeiras se você não vem com elas?

Nenhuma das duas sabe dizer em que momento o casamento se perdeu.

Clarissa escolhe a cadeira mais firme e confortável e mostra para Ana Luíza: vai levar ao hospital. A doente sorri.

Gravam um último vídeo juntas. Brincando, falando besteira, dando risada. Um vídeo que não diz nada, que diz tudo. Uma memória, uma lembrança. A tentativa em vão de guardar o instante. De levar para sempre um momento em que, apesar de tudo, ainda se podia sorrir.

Quem sabe no futuro, aquele instante tão triste não possa se transformar numa memória feliz? Os anos alteram tudo.

Aquele vídeo jamais será visto. Eles nunca são.

Ana Luíza e Elisa, abraçadas, dão um último beijo. Uma despedida sem palavras, sem cadeiras distribuídas. Ana Luíza ficará com todas. E Elisa, que acordou tantas manhãs naquele lugar, que fez café naquele fogão, dobrou lençóis, cuidou das flores, durante quase seis anos, quase uma vida, nunca mais voltará àquela casa. Nunca mais.

É um recomeço.

Clarissa olha para a decadência do lugar envelhecido. Sozinha diante da sala, ao lado da montanha de malas carregadas de vida e de morte, sem futuro algum pela frente, está apegada ao passado, às memórias de uma vida feliz. Saudade é esse vazio que só consegue ser preenchido pelas lembranças.

Ela sobreviveu nos restos, em cada sobra daquela vida.

O que esperar do futuro?

Passado e presente se misturam e evidenciam as invenções da memória. O passado é o que contamos a nós mesmos, o tempo todo. Apenas histórias que tentam nos convencer de que fomos felizes, ou tristes. De que vivemos de verdade.

Nossa memória é imprecisa, vaga e repleta de vazios.

A sala de Elisa é a mesma de Ana Luíza. Que é a mesma de Clarissa. A casa foi das duas, sejam elas quem forem. Um lugar onde reuniram amigos. Deram jantares, bebedeiras, festas. Tudo que foram agora está coberto pela poeira, que pinta o piso, as cadeiras e também a enorme mesa de madeira.

Clarissa segura malas pesadas com mãos fracas. Dá as costas à sala e cruza o interior da casa. Enche o porta-malas com bagagens, entra no carro e vira a esquina.

Quantas casas abandonamos em nossas vidas?

Era preciso decidir o que fazer com as malas, aquelas malas velhas.

São sempre as mesmas. De partidas e de chegadas. Carregadas

de memórias, que nos levam para trás, ou de sonhos, que nos jogam para a frente. Simbolizam momentos extremos, pontos de virada em nossas vidas. São vestígios de um passado que será para sempre lembrado. Ou para sempre esquecido.

As malas de quem abandona a casa. As malas de quem chega à casa. As malas que guardam roupas. As malas que protegem fotografias antigas. As malas onde escondemos coisas. As malas que levamos quando fugimos.

Nossas lembranças guardadas na poeira, escondidas nas sombras dos apartamentos, debaixo de camas, em cima de armários. Nossos esquecimentos, nossa vida inteira, no fundo de um quarto escuro e encardido.

Que sopra o vento. As malas serão doadas, distribuídas por aí. Algumas serão perdidas, outras jogadas fora. Um ganharão novos significados, em novas casas. Farão parte de novas vidas. Outras serão apenas vazias.

A vida é um sopro, alguém disse isso.

Já não me lembro quem.

/ O GUIA

THIAGO GALDINO

Dizem que o inverno é a estação mais triste do ano, pois as constantes chuvas nos obrigam a ficar sempre em casa, e os dias tornam-se cinzentos e frios. As plantas também devem sentir essa imensa angústia, pois logo a geada as cobre, convertendo suas formas em opacidade inexistencial. Mas o que aconteceria com a felicidade sem uma gota de tristeza? É preciso haver este equilíbrio entre o perfeito e o regular, pois, sem isto, tudo seria apenas normal, e nunca extraordinário.

Em breve a primavera estará chegando, o ar ficará morno e o chão não mais tão frio. As flores nascerão nos jardins, e a alegria desabrochará em todos os corações, antes corrompidos pela umidade. As pessoas guardarão os agasalhos e buscarão novidades para repor os momentos perdidos. Algumas comprarão artesanatos, outras frequentarão teatros; as mais excêntricas participarão de turismo cemiteriais, cada vez mais comuns mundo afora.

Explorar a arquitetura das tumbas, monumentos artísticos em mausoléus ornados, e buscar a história de um povo de uma forma tão densa que nem os livros conseguiriam catalogar. Mas, ao invés de estudar o passado para compreender o presente, por que não valorizar o agora a caminho do amanhã?

Acendem velas às ossaturas ocultas pelo concreto e o tempo, de personalidades que na vida nada conseguiram, e cabe a mim, o guia turístico, fazer uma análise profunda e errônea defronte aos túmulos, para evitar perguntas. Acredito que a arte seja temporal e retrata, por vezes, um futuro além da nossa capacidade de compreensão, ou uma realidade tão convincente que fazemos questão de não confirmá-la, pelo receio do novo ou pela padronização que nos é imposta. Se não fosse assim, por que as mentes mais brilhantes só são (re)conhecidas após a morte?

Não se pode esquecer as lendas, fator de maior interesse dos visitantes, criadas justamente com o propósito de alavancar o turismo nos cemitérios-museus. Combinam-se fatos históricos a superstições humanas e o resultado é uma forte crença em paranormalidades; uma necessidade enorme de tentar provar que não estamos a sós no universo.

A convicção é o câncer da humanidade. A ignorância bloqueia o saber. Diariamente eles pisam nestes chãos alimentados de memórias e defuntos e não aceitam partir, mesmo já tendo notado que os nomes, as fotos nas lápides, tudo coincidem com os rostos e seus registros. Talvez o desejo de retornar à carne os tenha cegado, como o medo de morrer ofuscava os olhos de muitos...

Cidades fantasmas dizimadas pelas pestes e pelas guerras, é o que a Terra se tornou há centenas de anos. Se eu os mostrar minha tumba em pedra bruta e alguns de meus ossos, cairão em si que são os próprios sepultados investigando suas origens?

/ LORD DOS MARES

LUCAS DELO SANTOS

Eram meados de abril, os primeiros ventos gélidos do norte rosavam em minha fase, o balançar das ondas, e trepidar do navio, mostrava nossa deriva. O galeão de mais de vinte metros estava solto nas fortes águas do mar mediterrâneo, e por todos os lados o azul do mar se misturava com o azul celeste dos céus, deixando a mercê nas idas e vindas das ondas do mar.

Estávamos no quinto dia em mar aberto, o mastro principal estava ancorado por entre o galeão, o timão estava em metades, e a grande maioria da tripulação estava esparramada por entre o casco do navio, sem mencionar os que tinham perdido a vida e se perderam por entre as águas do mar.

No terceiro dia de viagem, fomos pegos por uma forte tempestade, onde sofremos com a tormenta. Depois de quase três horas naquele temporal, sete dos vinte e oito tripulantes deixaram a embarcação. Dos sete sobreviventes, quatro estavam gravemente feridos. Entre eles estava nosso capitão, Morgan, irmão de Bartolomeu, um dos piratas mais sinistros dos sete mares.

Eu não passava de um vassalo para Morgan, onde servia de bucha de canhão, em qualquer das atividades para o galeão, nosso intrépido Dark Panther. Se tinha algo para limpar, chama por Ed, Ed corria lá e limpava. Leva a comida para o capitão, lá estava o Ed, correndo escadaria à cima para alcançar a cabine do capitão. Ed era o que se podia chamar, o faz tudo, corria de um lado corria do outro, tudo era o Ed. Pra falar a verdade, até que achei uma boa, o barco ter emborcado na tempestade.

Assim por dizer, por um lado foi bom; a maioria da tripulação virou comida de tubarão, e nosso capitão está à beira da morte, Ed estava livre das ordens. O lado mal de tudo isso era que estávamos à deriva em meio ao mar mediterrâneo.

Perdemos boa parte da comida, o que restava não duraria por muito tempo. Aquela brisa mansa do raiar da manhã podia ser um alento, se pelo

mesmo o mastro ainda estivesse de pé. O galeão não tinha velas, apenas o pequeno estirante a estibordo estava de pé, isso não era suficiente para carregar o grande Dark Panther.

Ficávamos à mercê do destino

Naquele quanto dia recebemos a trágica notícia da morte de nosso capitão, assim como a morte de mais dois tripulantes. Deixando apenas eu, Ace, e Truman, o jovem Dick ainda permanecia com graves ferimentos.

Em minha concepção, acho que ele não passava da próxima noite. O inverno estava para cair, e as noites ficavam mais e mais geladas. E foi o que aconteceu Dick não resistiu e na madrugada do dia seguinte morreu.

Na manhã seguinte ao acontecido, Ace, Truman e eu, ficamos a pensar em uma maneira de deixar aquelas águas, os pequenos botes salva vidas estavam todos destruídos, o galeão por sua vez não navegava, estava à mercê das ondas do mar, e nossa pequena dispensa de alimentos estava quase no fim, não iríamos durar por muito tempo.

Alguma ideia? Calmo, sereno Ace indagou.

Minha cota de ideias se esgotou. Respondeu com a voz de trovão Truman.

Podíamos tentar construir uma pequena jangada. Retrucou Ace, com a mesma calma daquele imenso mar, que balançava nosso galeão.

Não temos muito o que comer; água só resta o que está naquele barril, e o rum, já acabou. Por outro lado não temos nenhuma bússola. Como iremos orientar? Disse Truman.

Tomei a palavra.

Sabemos que o sol está nascendo deste lado, então aqui é leste, o oposto é oeste, assim sabemos que o norte é ali, e sul, daquele lado. Vamos nos orientar pelo sol. A noite orientamos pelas estrelas.

Falou o sabe tudo. Mais em que parte do mediterrâneo nós estamos? Com aquela tempestade perdemos nossa direção. Não tem como saber onde iremos parar. Desabafou Truman um pouco carrancudo.

É melhor do que ficarmos aqui parados, olhando para o horizonte.

Retruquei.

Hum! Temos um novo capitão? Quem foi que te colocou no comando, seu sabichão? Esbravejou Truman.

Não tive tempo de responder a afronta, Ace entrou no meio da conversa e acalmou os ânimos de nosso imediato. Na designação Truman era o segundo em comendo, abaixo apenas de nosso capitão, na falta deste, Truman estava no direito de assumir o comendo. Ace era o que se pode de chamar, de o cara de todas as horas. Sempre estava resolvendo os problemas da tripulação e da embarcação. Acho que Ace era o mais sensato entre nos três.

Ficamos ali parados por alguns segundo sem se questionar, mas, era óbvio que precisávamos de uma alternativa para deixar o galeão, do contrário morreríamos.

Pensando no que fazer, avistei um pequeno arquipélago ao norte, pelas ondas do mar, e pelo balanço das águas, estávamos perto de uma ilha, pequena, mais mesmo assim uma ilha, isso significava, terra firme.

Nós alegramos com o ocorrido, e de tempo em tempo víamos que aproximávamos mais e mais do arquipélago. Com o passar do tempo pudemos observar melhor que não se tratava de uma pequena ilha, mais sim, de uma extensão de terra maior, talvez, um continente.

Aos poucos nossa felicidade se transformou em desespero, os rochedos brotavam das águas, como estalagmites das encostas geladas, e naquela pressão, o galeão iria se Chocar com tamanha força na encosta dos rochedos.

Nosso pavor só aumentava.

Naquela maré alta, arrebentariamos sobre os rochedos, e o choque poderia nos levar a morte. Em quanto nos desesperávamos e pensávamos em uma maneira de evitar aquele choque, um canto ecoou das águas.

Um canto doce, suave, manso, um canto que encantava os ouvidos. A melodia brotava das profundezas, e nos pegava de antemão, o no frenesi das águas, nosso galeão aproximava dos rochedos.

Que som é este? Questionou Ace agitado.

Truman lançou um olhar de soslaio, por baixo de seu lenço que prendia toda sua cabeleira, e esboçou palavras rápidas.

Não tenho muita certeza, mais acho que são sereias.

Sereias? Esbravejei.

Estas coisas realmente existem? Perguntou rapidamente Ace tentando puxar o timão para evitar nosso choque com o primeiro rochedo.

Só sei dos boatos. Respondeu Truman ao lado de Ace, lhe ajudando a segurara o timão.

Eu por outro lado estava com a corta estirada por sobre meu corpo, puxando o que restava da vela a estibordo, mais todo nosso esforço não foi suficiente para evitar o primeiro choque.

O galeão bateu no primeiro rochedo, o estalo da madeira se partindo foram ouvidas, o solavanco do impacto nos jogou esparramado por entre o casco do galeão. Mal tínhamos recuperado do primeiro impacto o segundo aconteceu, desta vez do lado oposto, o tranco foi ainda mais forte do que o primeiro.

Parecia que nos acabava de transformar em uma máquina de pebolim, e nós era a bola. Batíamos de um lado, batíamos do outro, e por fim sabíamos o que iria acontecer, o grande galeão se espatifaria.

Em cada choque, uma parte do navio ficava para trás, e por fim ele se chocou com a maior de todos os rochedos, com o impacto, fomos arremessados, e o grande galeão desintegrado. Com o grande choque não vi mais nada do que aconteceu. Perdi toda a consciência ao bater minha cabeça em uma das figas soltas do galeão.

Não sei por quanto tempo fiquei desacordado, mais quanto minha consciência começou a voltar pude perceber que estava sendo carregado, ao meu lado estava Ace, não vi Truman.

Fomos amarrados em um tronco de um galho seco, onde nossas mãos e pés ficavam amarrados com cipós na haste da madeira, nossas costas dependuradas quase tocavam o chão. O que dava para ver, era os pés negros que nos puxavam.

Ace, Ace, o que estas acontecendo, onde estamos? O questioneiei

assim que abri os olhos.

Não sei; mais estas coisas apareceram e nos pegaram, Truman morreu ao tentar enfrentá-los. Depois eles pegaram nos dois e amarraram nesses troncos e começaram a nos carregar.

Onde estamos? Que lugar é esse? Quem são estas pessoas?

Não faço ideia.

Nesse frenesi apavorante em nossas mentes o canto ecoou novamente em nossos ouvidos.

Isso foi motivo de grande pavor por parte daquelas pessoas, que nos carregavam. O canto ficava cada vez mais forte, e o pavor daquelas pessoas eram imenso. Nós; jogaram ao chão e saíram em disparado por entre a mata fechada. Nós deixando ali a mercê da sorte.

Amarrados ao tronco, sem nada em que apoiar para cortar aqueles cipós. Nossa sorte foi que avia algumas pedras pontiagudas, e as usamos para cortar nossas amarras.

Soltos, começamos a observar aquele canto doce, que vinha do lado leste de onde estávamos. Era o mesmo canto que ouvimos pouco antes de nossa embarcação se chocar nos rochedos.

Que música doce é esta? Questionei.

Parece o mesmo som que ouvimos no navio. Parece que vem daquela direção, vem, vamos dar uma olhada. Atento como sempre Ace gesticulou.

Acha que isso é uma boa ideia?

Melhor do que ficar aqui esperando a volta daqueles pés pretos.

Não estava ciente daquelas ações. Por mim deixávamos aquele local o mais rápido possível, e procuraria um jeito de deixar aquela ilha.

Ace curioso como sempre, nos levou mata adentro.

Caminhando aos passos de Ace, o segui por entre passos. O canto ficava cada vez mais e mais forte. Passando por um arbusto, chegamos a uma soleira de crateras, estas estavam cheias de águas, e na encosta dos orifícios, uma linda e bela mulher estava encostada, totalmente nua. Não era bem uma mulher, como Truman nos disse, estávamos de encontro

com as sereias.

Junto ao pequeno lago estava uma bela sereia, seus cabelos longos, lisos, sedosos, sua pele branca macia, o que diferenciavam eram da cintura para baixo. Pouco abaixo do umbigo, uma esplanada de escamas brotava de sua pele, do auto de suas cinturas, as suas nadadeiras no final de sua calda.

O canto ficava ainda mais bonito de perto.

Por um momento pensei que ela não tinha notado nossa presença. Estava enganado, deixamos o arbusto, ela nos olhou com aqueles olhinhos penetrantes, nós deixando completamente imóvel.

Seu olhar penetrante nos deixava sem reação, e seu canto ficava ainda mais forte. Erguendo do pequeno lago a seria deixou seus pelos e pequenos seios amostra. Fez sinal com suas brancas mãos para que nós, nos aproximássemos.

Fiquei com receio.

Por outro lado, Ace não pensou duas vezes, e correu na direção daquela beldade. Aquele canto, aquela beleza o tinha enfeitiçado. Tendei conter seu caminho, mais Ace não me deu ouvidos, e aproximou da sereia.

Ele abaixou e ficou rente a seu olhar. A sereia começou a passar suas mãos molhadas por entre seus cabelos, alisar sua fase, Ace ficava imóvel. Depois ela lhe deu um beijo longo e demorado, onde sem dúvida o acabou de lhe enfeitiçar. Pude perceber por que Ace ficou completamente vulnerável.

A sereia lhe abraçou e por cima de seus largos ombros, lançou um olhar morteiro em minha direção, abriu um sorriso angelical, e o puxou para dentro do pequeno lago. Só tive tempo de ver suas nadadeiras rosando o ar antes de sumir por entre as águas.

Corri na direção da pequena cratera com água para ver se via alguma coisa. Gritei por Ace, mais não obtive nenhuma resposta.

Tudo ficou em silêncio. O canto cessou, a naquela mata nem mesmo os insetos se fazia presente.

Estava eu agora completamente sozinho naquela ilha.

Não tive tempo para lamentar o acontecido com Ace. Nem mesmo tive tempo para questionar o que podia ter-lhe acontecido. Ouvi pisadas fortes; vindo em minha direção. Com isso não fiquei ali parada esperando para descobrir o que poderia ser. Sai em disparado, por entre a mata. Corri feito um louco.

Pude escutar a pisadas vindo na minha direção, sabia que eles estavam correndo pouco atrás de mim. Sem saber para onde ir, apenas corria para o lado oposto com passos fortes. Com isso acabei caindo em uma encosta, bastante alta diga se de passagem, o que me salvou foi um grande riacho que corria embaixo.

Atônico, em meio as águas, percebi quanto uma mão rosou em meu pescoço e me puxou para baixo, por alguns segundos pensei que iria morrer.

Muito pelo contrário, foi graças aquele puxão que sobrevivi.

Ainda atordoado, percebi que estava em uma pequena rocha, a minha frente o grande oceano. E ao meu lado, Ace.

Ace, você estava vivo! Disse alegremente a meu companheiro.

Graças a elas. Respondeu ele indicando a direção de onde estava as duas sereias que acabara de nos salvar.

Elas nos salvou? Um pouco espantado questionei Ace.

Estamos em uma ilha, onde há uma tribo de canibais, aquelas coisas lá em cima iria nós devorar. Éramos o seu jantar. As duas ali nos salvaram.

Então elas são reais, as sereias realmente existem.

Sim.

Fantástico. Mais agora como sairemos desta ilha? Questionei.

Olhe.

Ace indicou o mar a frente, é um cargueiro estava passando. Ace prosseguiu.

Não sei você, mais eu vou ficar com elas.

Fiquei espantado com sua declaração.

Vai ficar aqui? Mais...

Não tem mais Ed. Já decidi, vou ficar com elas, e descobrir o mundo

maravilhoso que elas podem me mostrar.

Então isso é uma despedida.

Sim. Sei de seus objetivos Ed, e tenho total certeza que irá alcançar cada um deles.

Foi assim que me despedi do último tripulante de nossa embarcação. Uma das sereias me levou perto do grande cargueiro, onde foi regatado. Do cargueiro ainda pude ver Ace me dando um leve aceno de mão.

Depois daquela aventura na ilha dos canibais, e de encontrar com aquelas belas sereias, voltei para casa, com a ajuda do cargueiro.

Com tudo aquela aventura me deixou ainda mais excitado para descobrir o que o mundo, e o mar poderiam me mostrar. Não deixei mais o mar. O mar passou a ser minha casa, e os navios, minha estadia. Vinte e dois anos se passaram.

Hoje eu sou o capitão de um galeão. O grande Moby Dick, o encouraçado mais potente dos sete mares. E eu...

Bom! Eu sou um dos lordes dos sete mares, o pirata mais temido de toda a costa leste.

Eu sou Edward Newgate. O Barba branca.

70 / O QUE FICA

MARCO SARAIVA

O banho era sagrado; tinha a função de purificar o seu corpo para a tarefa a seguir.

Antônio tinha a toalha enrolada na cintura. Atrás de si, o chuveiro ainda gotejava dentro do box. Diante dele, seus dois melhores amigos: a pia e o espelho.

O espelho era o amigo sincero. Falava sem papas na língua sobre as rugas que gritavam para o mundo a sua idade real. A pia era o amigo útil. Passava-lhe o creme anti-idade e o hidratante. Também segurava para ele a base e o pó que usava para disfarçar as imperfeições e acentuar o que tinha de melhor. Ao término da sessão – o chuveiro já não pingava mais – Antônio e o espelho sorriram.

O embelezamento de si mesmo fazia parte da purificação. A tarefa anterior nada tinha de belo: muito pelo contrário, o processo de embalsamento do cadáver tirava do corpo tudo o que havia de imundo. Todas as secreções e gases vinham à tona uma última vez para dar lugar ao eterno. Era um trabalho necessário; a tempestade antes da calmaria. Terminado o serviço, porém, e agora limpo e digno, Antônio andou até a sala que dormia na escuridão. Embebeu-se na ausência de cor, até que todo o seu corpo estivesse mesclado em negro com o resto do ambiente. Respirou fundo. Acendeu a luz.

A lâmpada especial não era forte o suficiente para iluminar a sala da forma correta. A luz veio em um cinza monótono. Ao centro, porém, Jaqueline brilhava. Deitada sobre a mesa metálica, era luz na escuridão. Um jardim de flores no deserto. As mãos sobre a barriga encaixavam-se com perfeição. Os olhos fechados e o semblante sereno de nada falavam sobre o rigor mortis.

Enquanto vestia as luvas cirúrgicas e a máscara, pensava na injustiça do mundo. Para pessoas como Jaqueline, não havia competição.

Tantos cadáveres perambulavam pela cidade enquanto ela esbanjava vida mesmo em morte. Era uma pintura a óleo criada pela natureza, e Antônio era o curador do museu.

Dirigiu a luz da luminária para o rosto da jovem que descansava. Era a parte mais demorada, e a que sempre precisava de mais trabalho. A boca perdia a cor rápido demais. Com um pincel delicado e mão firme, Antônio emprestou um tom roseado para os seus lábios. Os olhos inocentes não pareciam ter ciência de que jamais voltariam a se abrir. Com base, pó e um pouco de sombra, o Curador removeu o tom escuro que insistia em aparecer por ali colocando, em seu lugar, uma pele levemente corada, como se Jaqueline, na verdade, estivesse de olhos fechados pela vergonha de ter acabado de ouvir uma declaração de amor.

A pele de todo o seu corpo precisava de trabalho. O tempo roubava a sua cor lenta e irredutivelmente. Precisaria de...

Ding. Dong.

Os olhos de Antônio dirigiram-se incrédulos até a passagem para a sala de jantar. Não queria acreditar que alguém o atrapalhava durante a sua arte. Tinha comprado aquela casa em um condomínio de luxo justamente para...

Ding. Dong.

Estava furioso mas, em respeito a Jaqueline, controlou-se. Removeu as luvas e a máscara, então andou calmamente até a sala de jantar, onde se encontrava a porta da frente de sua casa. O vulto do outro lado esticava o braço para tocar a campainha mais uma vez, mas Antônio girou a chave antes que o fizesse. Quando abriu a porta, deparou-se com Thalita Menezes, sua vizinha.

Mas é claro..., ele pensou.

- Thalita...

A vizinha encontrava-se em estado deplorável. O cabelo

desgrenhado e o rosto molhado de lágrimas, tomado de vermelho. Sua boca tremia e ela fungava, mas falou tentando disfarçar o desespero.

- Ah, Antônio, Antônio. Me perdoa bater na sua casa assim. Na distribuição dos cartazes, esqueci que você estava lá quando tudo aconteceu.

- Não se preocupe Thalita. Então você já tem os cartazes? Eu queria ajudar na distribuição.

- Sim, estão aqui.

Ela desenrolou um dos cartazes. Nele, Jaqueline o olhava com um sorriso alegre no rosto. Era a foto mais recente que os Menezes tinham da filha, tirada há meros dois meses na sua festa de quinze anos por um fotógrafo profissional. A luz, a maquiagem, o sorriso: tudo era perfeito em Jaqueline.

- Ela está linda, não está? – Thalita falou, tentando em vão esboçar um sorriso.

- Sim, como sempre foi Thalita. Deus os abençoou com uma filha tão maravilhosa que com certeza irá ajudá-los a encontrá-la. Deixa alguns comigo que eu vou terminar uma ligação e já saio para ajudá-la a distribuir. Você quer entrar? Quer uma água?

O sofrimento de Thalita tocava-lhe a alma de tal forma que sentia a garganta apertar. Um pouco mais e choraria junto com a antiga amiga. Sentiu que de alguma forma deixou que isso transparecesse em seu semblante. Thalita tocou o seu rosto com ternura, olhando-o com um meio-sorriso.

- Ah, Antônio. Você é um anjo. Obrigada, mas eu tenho que distribuir os cartazes. Mais tarde, talvez, possamos comer algo juntos lá em casa, o que acha? Se tudo der certo, receberemos uma ligação. Algo me diz que tudo isso acaba hoje. Tem que acabar.

Antônio meneou a cabeça com um sorriso tímido e uma lágrima escapando-lhe os olhos.

- Mas é claro Thalita. Nos falamos mais tarde.

Despediram-se com um abraço. Antônio voltou para dentro de casa,

deixou os cartazes sobre a mesa de jantar e tocou os olhos lacrimejantes. Que situação terrível, meu Deus. Aquela família não merecia aquilo.

Suspirou. Teria que retocar a maquiagem.

Duas horas depois ele terminava a sua arte. Afastado da cama metálica onde agora jazia uma Jaqueline que poderia acordar a qualquer momento, Antônio removeu a máscara e as luvas, admirando a pintura restaurada à perfeição. Dependendo do ângulo que a olhasse, ele poderia até mesmo divisar um sorriso no rosto da jovem. Talvez estivesse sonhando bons sonhos.

Seguiram-se as fotos, onde a busca pela luz e ângulo perfeitos demorou mais do que ele esperava. Trouxe então uma manta branca, onde enrolou Jaqueline até que ela se transformasse em uma silhueta esbranquiçada sobre a mesa. Ela dormiu ali durante toda a tarde, quando Antônio saiu de casa para ajudar Thalita a espalhar os cartazes em busca da filha desaparecida.

À noitinha, Antônio voltou para casa mas não entrou pela sala de jantar. Deu a volta pelo jardim, onde cuidava das mais variadas flores. Andou por elas, tocando-lhes as pétalas e sentindo suas energias e histórias. Escolheu Oleandro e Amarantho.

Entrou por fim em casa e carregou o vulto branco com os próprios braços. Lá fora, em um canto separado do jardim, uma cova a esperava. Deitou o embrulho delicadamente sobre a terra e, sem pressa alguma, escondeu-o a sete palmos. Sobre a terra remexida, criou um belo arranjo de Oleandros e Amaranthos, deixando ali também suas sementes. As flores receberiam sua mais nova obra-prima com amor, e dela cuidariam bem.

Andou por outros arranjos de flores parecidos, alguns dos pés com raízes já estabelecidas há algum tempo. Sentou-se em um banco afastado no jardim, de onde podia olhar a vizinhança. Suspirou. Na noite, o céu estrelado serviu de pano de fundo enquanto Antônio fitava com olhos vazios o firmamento. Tinha no olho da mente a visão clara de Jaqueline:

perfeita; magnânima; sem falhas. Duas estrelas próximas nos céus eram os seus olhos. Outras desenhavam o seu rosto.

O embrulho branco sob a terra entraria em decomposição em pouco tempo. A carne daria lugar a ossos, que por sua vez dariam lugar ao pó. Mas seus olhos não viam nada daquilo. O que ficou de Jaqueline no mundo, a única coisa que restou da sua existência, foi a glória da sua perfeição.

Nada mais importava.

/ AFOGANDO EM ALGUM LUGAR PERTO DE VÊNUS

MILENA PLACIDO

Escuto uma música tocar. O som está aumentando gradativamente de forma que começo a recobrar os meus sentidos. Observo ao meu redor, tudo que vejo é nada mais que amarelo e vazio. A sala onde estou é bem iluminada de forma que posso ver o quanto está limpa.

Como vim parar aqui?

Depois de um tempo, começo a ficar apreensiva. Neste lugar não há porta, nem uma janela. Não há nem mesmo um espaço, um buraco ou qualquer coisa que eu possa usar como saída. Isso é sufocante e desesperador, sinto que logo posso acabar ficando louca, se é que eu não já esteja. Não sei explicar como, talvez seja uma ilusão de ótica ou apenas efeitos colaterais da loucura que essa claustrofobia está me causando, o amarelo das paredes está ficando cada vez mais intenso e a música que ouvia antes, já não ouço mais. Tento fechar os olhos, ficar calma talvez seja a solução. No entanto sinto o amarelo me consumir, sinto sua cor forte queimar a minha pele e o silêncio arder em meus ouvidos.

Estou começando a levar em conta que talvez eu possa estar morta, talvez o meu corpo já esteja a sete palmos abaixo da terra, sendo consumido pelas larvas e se transformando em adubo de cemitério. Sinto que quem aqui vos fala, nada mais é que uma pobre alma desolada, presa no vazio do purgatório. Estou aqui para pagar os meus pecados? Tento lembrar o que de tão ruim eu tenha feito, mas a minha memória se esvai rápido como a água que vai embora quando deixamos uma torneira aberta.

Levanto. Estou nua, sozinha e fraca. Logo percebo que também estou faminta. Algo está errado, mas não sei explicar exatamente o que está acontecendo. Ouço minha respiração e a sinto ficar cada vez mais ofegante. Algumas sensações percorrerem o meu corpo e elas são a única coisa conhecida que tenho por aqui. O famoso vacilo, a fraqueza que toma as minhas mãos e depois dominam o meu corpo. Caio de joelhos, meus olhos querem expressar aquilo que estou sentindo em meu peito, mas os proíbo de mostrar qualquer fraqueza, não posso ser vista sendo

fraca, SE ESCONDA, não posso dizer quem sou, NÃO MOSTRE QUE A FRAQUEZA TE DOMINA, não posso me mostrar em um território onde não sei nada sobre ele. Minhas fraquezas são as maiores armas contra mim. O pior de tudo é que sei que enquanto estou aqui, presa nessa maldita sala, o tempo está passando, as pessoas estão vivendo e eu estou ficando mais velha. Quantas horas, dias, meses e anos devem ter passado? E eu continuo aqui, parada no mesmo lugar, assustada demais para tomar uma providência ou descobrir uma forma de como fugir.

E então eu vacilo...

Ouçõ passos meio cambaleantes e uma respiração estranha, como se fosse uma pessoa casada depois de uma longa noite não dormida. Alguém toca a parede do outro lado e assim vejo uma porta se materializar na parede que está na minha frente. Quando a porta se abre vejo diante de mim um ser indescritível, não consigo olhar em seus olhos, pelo menos não mais. Sei que no fundo eu o reconheço, ele é familiar. No entanto a familiaridade que nos liga começa a se dissipar de uma forma que sei que logo mais ele se tornará estranho como tudo isso aqui. O ser levanta a sua mão, ele segura uma pequena esfera vermelha. Com um sorriso macabro ele a joga no chão, fazendo a esfera se partir em milhares de cacos que se espalham por toda parte. Nesse momento uma dor em meu peito pulsa forte fazendo com que eu me contorça. Uma maldição foi lançada sobre mim, a maldição do sofrimento, da dor constante. Ele para de sorrir abruptamente, não sente nada ao ver o mal que está me causando.

Sei que para ele eu mereço essa dor, mereço esse sofrimento. Não são um ser digno de pena, é tudo culpa minha. Eu mesma me coloquei nesta situação.

O ser vai embora...

Não sei como funciona a passagem do tempo por aqui, acho que já falei sobre isso... Não me recordo mais. Talvez eu esteja aqui há muito tempo ou talvez seja por apenas algumas horas. Tudo que sei é que o ser voltou varias e varias vezes. Acho que já se passaram anos, me sinto mais velha!

As vezes sinto outras presenças por aqui, outras presenças que me ferem como aquele ser, mas essas são mais fracas. Não quero dizer que elas sejam boas, também são ruins, também me fazem fraquejar. Entretanto nada é pior que o desprezo. DESPREZO, foi assim que apelidei aquele ser que me causa tanto mal. Quero fugir, correr para longe dele e da outra presença, mas não consigo. Eu viveria feliz longe do desprezo, mas a outra presença que me faz mal, também é uma parte essencial que me mantém viva, não sei se conseguiria persistir sem a outra presença.

Você me entende?

Um dia, ou talvez uma noite, se é que nesse lugar existe dia e noite, achei a brecha que tanto desejei, o escape. Posso fugir. Me agarro numa corda que encontrei, ela é longa e vem de algum lugar. Corro o mais rápido que posso em busca da salvação. Corro tanto que canso e começo a caminhar, há um grande corredor e ele é escuro. Algo me observa, não sei o que é e sei que não é bom. Não quero olhar para os lados, me sinto pressionada a olhar, pois parece ser a solução, uma solução mais fácil, porém, mais dolorosa. Tenho medo dessa solução, não quero olhar, mas meu corpo está tentado, ele anseia por isso. “Imagine, finalmente a tão sonhada PAZ. Desprezo? Dor? Desaparecerão, não restará lembranças”.

Paro.

Meus pés estão calejados, estou suada e vacilante. O cansaço começou a me vencer, mas preciso persistir. Lutei demais, não posso voltar por mais que algo agora grite o meu nome. Dos lados ainda sou chamada pela facilidade. Nesse momento vejo algo, uma luz, longe e pequena. Ela brilha de uma forma que aguça a minha curiosidade, de uma forma que não ousa descrever. Será a paz? A esperança me toma, ESPERANÇA, como gosto dessa palavra. Instantaneamente sou tomada por uma força que parecia não existir, corro mais rápido e sei que agora estou um pouco mais forte.

Corro, corro e corro.

Paro abruptamente diante de uma porta. A luz que eu vi vinha do

buraco de uma fechadura. Agarro a maçaneta e a giro com força, como se a minha vida dependesse daquela porta. Está trancada. Sinto vontade de chorar, mas logo passa. Há uma chave pendurada em um prego na parede ao lado da porta. Pego a chave, destranco a porta e a abro. Entro e a porta desaparece atrás de mim. Estou em uma sala, do mesmo tamanho da anterior, mas essa é azul, azul da cor do céu e me deixa calma. Ali há uma cama com lençóis brancos, sinto uma imensa vontade de tirar um cochilo, mas temo o pior. E se for uma armadilha do desprezo?

Então, algo segura minha mão. Me assusto, porém quando olho para o lado vejo um novo ser. Ele me passa uma paz que nunca senti antes, um sentimento novo, não quero sair do seu lado, quero ficar aqui para sempre. Ele me guia até a cama e nos deitamos. O ser me abraça e logo eu durmo como nunca dormi antes. PAZ, eu a tenho por uns instantes até que o quarto do céu é tomado por uma tempestade que dá origem a uma enchente e eu me vejo afogar. O ser de paz ainda está aqui, só que agora a paz, que antes parecia ser eterna, se transformou em tristeza. Sua paz é momentânea e sua tristeza, as vezes, parece ser constante.

Me pergunto se nunca vou conseguir fugir de sensações que me fazem mal.

Outra porta se abre e com ela a enchente desvanece. O quarto do céu se torna sereno e com agilidade consigo levantar da cama e atravesso a porta. O ser de paz me segue, estamos de mãos dadas e em uma nova sala. Essa não tem cor e está lotada de presenças, todas as minhas inseguranças. Estou assustada, o ser de paz não é suficiente para fazer com que meu peito pare de doer e meus olhos de transbordar. Algo sussurra em meu ouvido.

“Você não está certa!”

“Você não é boa o suficiente.”

“Onde está a sua competência.”

“Não devia ter fugido.”

“Volte e pare de lutar, se encaixe como todos os outros.”

E então acontece aquilo que eu mais temia, a dor explode dentro de mim e por um instante tudo desaparece. Estou sozinha no vácuo, não está

escuro nem claro. Não sei onde estou, nem o que estou fazendo aqui, muito menos sei o que sou ou o que tenho que fazer.

ANSIEDADE...

Meu peito dói, meus olhos transbordam, estou morrendo. Contudo, ainda respiro e inspiro. Preciso achar a saída!

GRITE!

Isso, a resposta: Gritar.

Preciso me libertar de tudo que me deixa ansiosa, preciso dizer quem sou, o que preciso e o que quero. Ninguém me obrigou fazer escolhas, eu mesma as fiz e se as fiz errado preciso arcar com as minhas consequências, afinal de contas cada um enfrenta o inferno que escolheu para si. Fecho os olhos e ajoelho. Limpo a minha mente de todo pensamento, vivo o silêncio do espaço vazio por alguns segundos até que a minha cabeça esteja completamente limpa. Levanto, abro os braços, deixo a brisa leve tocar a minha pele. Então digo em voz alta, digo não, grito.

ESTOU LIVRE!

Tudo se transforma ao meu redor. Não estou mais em salas nem em presenças que causam algo em mim. Agora estou onde sempre estive, sentada em uma cadeira, debaixo de uma árvore, ao lado dos meus amigos e vendo pessoas andar de um lado para o outro. Alguns riem, outros se embebedam, sopram fumaça para cima. Beijos triplos, mãos por toda parte. Gente dançando. Me levanto no momento que começa uma música qualquer, mas ela não é mais qualquer. Não sei se isso vai fazer algum sentido, mas talvez ela seja agora a minha música, tudo porque ela me trouxe uma frase, um lema. Talvez um lema que não faça sentido para você, mas que para mim se tornou o meu ponto vital. A felicidade e a tão sonhada paz, que agora sei que não é duradoura, que são apenas momentos e que os sentimentos ruins uma hora voltam. Mas agora sei que quando esses momentos chegarem, eu não vou prostrar. Sei que não posso evitar, mas mesmo assim continuarei a dançar.

/ COELHO 38

CELSO LOPES

Meus pés iam me levando sem destino naquela rua. Eu me via apenas cruzando com as pessoas e atravessando-as como fosse um fantasma circulando a esmo.... Diante de um edifício qualquer, meus passos, surpreendentemente, se detiveram; e como algo incontrolável, os meus olhos subiram para a placa dourada sobre o portal de madeira, onde, destacadamente, estampava-se o número '38'. Alguma coisa parecia me empurrar prédio adentro. A porta aberta, sem ninguém à vista, transformava-se num convite irrecusável. Ainda que temeroso, segui por uma longa escadaria de mármore com corrimãos dourados, brilhantes, e recortada por luz e contraluz vazadas dos vitrais altos e estreitos... Uma porta indicava o fim da jornada, e à minha frente surgia um grande terraço no topo do edifício. Sem forças para recuar, segui até o beiral, de onde era possível contemplar o cenário esplendoroso de uma grande cidade. Meus pés continuavam sem obediência aos meus comandos. Era visível que me empurravam... e me empurravam rapidamente em direção ao vazio, ao espaço. Não havia como evitar aquele mergulho iminente rumo ao chão. A queda fulminante estava a poucos segundos de mim. Em meio aos ruídos da cidade, uma voz lancinante se sobrepôs ao medo que eu sentia. Marcadamente estrondosa, essa voz. Tudo era uma questão de instantes... No entanto, antes que eu sentisse o baque pesado do meu próprio corpo se estatelando no asfalto, espatifando-se contra o solo, meus olhos se abriram. Acordei em sobressalto, com a nítida certeza de estar ouvindo, ainda, o som imperioso daquela voz:

“- MÔUSÉS!... MÔUSÉS!... MÔUSÉS!!!”

Desorientado e sem rumo, era assim que eu me sentia. “Um sonho desses não pode ser por acaso!”, disse a mim mesmo, elaborando planos para a “dezena 38”. Há muito, trago comigo um “pé-de-coelho”, só podia ser isso, insisti!... O amuleto da sorte, agora, me revelava a sua serventia.

Sim, era isso, afirmei convicto, deixando aflorar ali a minha propensão ao jogo: - dezena 38, Coelho na loteria Federal!...

Essa minha compulsão para o jogo não era novidade na Pensão. Dona Joana, a proprietária, vivia me condenando ao fogo dos infernos por essa mania. E a razão era uma só: a loteria consumia boa parte do aluguel que eu lhe devia!... Não me foi difícil atinar que o “chamado” era Deus falando com o filho, numa cena do filme “Os Dez Mandamentos”, que eu assistira há alguns dias pela TV. “Moisés” em sua profética missão, abriria o mar vermelho para que o povo o seguisse em busca da terra prometida!... “MÔUSÉS!”, essa voz me soara como no filme: ampla, reverberante, estrondosa!... ‘Divina’ como haveria de ser a voz de Deus em seu chamado. E Deus vê tudo. Deus tudo sabe. Deus sabia desde há muito, o que eu sempre desejei, por isso, levava-me ao limite do pesadelo, como uma provação, em que não mereci a sua ira nem o seu desamparo. Deus me apontava o caminho:

“ - Correi, Moisés, ide ao encontro da sua sorte!...”

No quarto alugado em que estava, abri a mala em busca do envelope com a “minha fortuna” escondida. Notas graúdas, novas, saídas da boca-do-caixa no acerto de contas do último emprego. Guardei-as no bolso para cumprir a minha missão, o chamado, a voz de Deus me implorando pra cercar a dezena, a centena, e a milhar na Loteria Federal!.... Ao girar a chave na porta, porém, percebi que não me livraria tão facilmente de Dona Joana. Ali do lado de fora, estava “um cobrador” pouco disposto a ouvir explicações. Dona Joana estava ali à espreita. Bastava que eu pusesse os pés na varanda e pronto. Lá estaria ela a me cobrar os aluguéis atrasados sob ameaças de levar o caloteiro à polícia. Ainda que eu forçasse a porta, o que cedia era apenas um vão de poucos centímetros... Os ruídos do cadeado e da corrente indicavam que a porta estava bem trancada por fora. Eu ali, preso em meu próprio quarto, ouvindo as batidas da

bengalinha de Dona Joana num ritmo acentuado e nervoso. Encostei-me no batente e insisti no diálogo. Implorei para que ela voltasse atrás. Aleguei, confiante, que estava na mira de um novo emprego. Omiti, com habilidade, o recebimento do dinheiro. O silêncio de Dona Joana parecia-me dizer que se manteria ali para sempre. Voltei à carga num tom suave. Sim, era verdade, o dinheiro estava comigo. Entretanto, confessei-lhe que não havia recebido tudo. Implorei-lhe para que me deixasse pagar apenas uma parte, a metade!... Quase em sussurros, temendo em me expor aos demais, supliquei-lhe que ponderasse os meus planos: “- A minha hora chegou, Dona Joana!...”. O som da irritante bengalinha dava ares de eternidade. Roguei calma a mim mesmo e enveredei-me por trilhas antigas que eu conhecia de cor e salteado. A reforma da Pensão, eu sabia, estava no plano de Dona Joana. Pois eu pagaria, afirmei! Falei alto, pedindo o testemunho de todos. Reforcei o tom, fiz Dona Joana escutar que o meu caminho estava escrito, a voz de Deus não mente!... Com os olhos grudados no estreito vão, aguardei inutilmente pela resposta. Humilhado na alma, uma a uma, fiz passar as notas graúdas, novas, por debaixo da porta. Assumi a derrota, e pela fresta observei as mãos de Dona Joana apanhando o dinheiro e voltando ao seu posto de guardiã. A bengala, ali, como o cajado de Moisés, transformando-se em víbora, pronta para a picada mortal. E eu em desespero, rezando o pai-nosso e implorando a piedade. “- Tenho a “Sorte grande” nas mãos, Dona Joana, só pode ser isso!... É um número abençoado, foi por Deus, Dona Joana!... Foi Deus!...

Aos poucos, fragilizado, e com as mãos trêmulas, fiz seguir as notas todas, até a última, pela soleira da porta... Pela pequena frincha, vi o dinheiro sendo recolhido; as notas, todas, uma-a-uma, presas nas mãos de Dona Joana!... O som do cadeado ribombou alto na Pensão. A corrente seguiu arrastada para longe. A porta do quarto abriu-se com precisão. Dona Joana seguiu para os fundos, e eu, amuado, já alcançava o portão da rua, atirando-lhe todas as pragas do Egito. Chutei uma lata solitária no meio-fio e perguntei-me, chamuscado de ódio, o que fazer pra chegar

à sorte grande sem o dinheiro?... E segui dando trelas ao chamado de Deus que teimava me acompanhar. A Vidente, a quem todos chamavam de Madame Nenzinha, estava ali, bem próxima ao viaduto, de olhos vendados, no centro de um aglomerado de pessoas. Ao me ver chegar, o Assistente pediu-me que lhe desse o “pé-de-coelho”, que eu carregava preso ao cinto, solicitando de imediato, que ela dissesse na presença de todos, o que ele escondia sob suas mãos. Por instantes, Madame Nenzinha olhou para o alto, como se dali retirasse a sua sabedoria. A sua voz soou firme - “ Um Amuleto...O moço traz, preso ao cinto, um Amuleto de boa-sorte!”. Madame Nenzinha, diante da incredulidade de todos, prosseguia em seu sortilégio, revelando-me de corpo e alma aos olhos dos curiosos. Garantiu-lhes que eu - o moço do pé-de-coelho - estava sem emprego. O moço - espalhou ao sabor do público - o moço, hoje, teve um sonho, um pesadelo!... Assustei-me como todos, diante do que ouvi. Intimado a confirmar ou desmentir, acenei o ‘sim’ com a timidez dos desesperados. Quis fugir, sumir daquela roda, mas as palavras da adivinha me seguiam: “ - O moço sonhou com um número!...” Enquanto os aplauso ecoavam Madame Nenzinha insistia em minha travessia: “ - Vai meu jovem... vai buscar a sorte grande!...O amuleto voltou-me às mãos. Avancei rua afora em meio ao burburinho de camelôs, pedintes e vendedores. Segui desorientado, visivelmente atordoado pelas palavras da Vidente, até ser “fêsgado” pela voz de um bilheteiro em sua ladainha diária: “ - Coelho 38... Hoje vai dar Coelho... Coelho na minha mão!”. O vendedor, um velho cego, ali sentado, trazia no colo um grande caixa presa ao pescoço, onde, além dos bilhetes, oferecia miudezas e bijuterias... Aproximei-me com insegurança. Nas mãos do cego, os bilhetes de final ‘38’ saltavam esfuziantes sob meus olhos atentos. Pululavam sob meu olhar esperançoso e iluminado, tal qual um canto de sereia interminável: “ - Coelho, Coelho, Coelho!... Coelho Trinta e Oito!...”

Interrompi a pregação do Cego com ares de um antigo conhecido. Ele, o Cego, pudesse ver, veria que sou o Moisés, um amigo!... O cego recolheu-se apreensivo, e pressentindo algo estranho à sua volta,

lentamente, tocou meu corpo com a sua bengala. Entendi o gesto como uma oportunidade de aproximação. “Sou o Moisés!...” - insisti!... Enquanto o Cego me rastreava o corpo, liberei-me do excesso de cuidados e me abri por inteiro. Ele, o Cego, poderia confiar. Como essa luz que me alumia, o número ‘38’ estava lá no meu sonho. Havia chegado a minha hora, informei-lhe. A sorte grande me acenava. Até Madame Nenzinha, a Vidente, confirmara. Inabalável, o Cego repetia a ladainha. Roguei-lhe piedade. Acenei-lhe com uma vida melhor. Uma casa nova. Uma TV na sala outra no quarto. Eu, ganhando o primeiro Prêmio, ele descansaria em casa com família!... Enquanto o Cego rezava o seu refrão, meus olhos teimavam em não se desviar dos bilhetes. Fulminavam aquele cofre-forte em busca do salvo-conduto para a minha inevitável travessia. Disfarcei o medo, e segurando um tom de voz firme, na tentativa de camuflar as intenções do meu gesto, ao Cego, fiz-lhe entender que ninguém vive sem um sonho. Como numa reza, roguei-lhe o Misericordioso ao eleger Moisés para a condução do seu povo. Apontei-lhe o milagre do sangue na fonte, o Cajado que se transformara em serpente e as águas tenebrosas do mar vermelho que se abriram para os hebreus... Depois, depois cumpri a parte final do meu plano. Camuflei dentro da camisa todos os “bilhetes premiados”, e segui como quem fosse ao encontro do meu destino. Enderecei ao Cego um caminho iluminado e gritei forte aos quatro-ventos:

“- Hoje, Moisés, hoje vai dar Coelho... Coelho trinta e oito!...”

À distância, pude ver quando os seguranças rodearam o Cego, que agitava, nervosamente, a bengala no ar, apontando a eles a minha direção... Apressei-me. Corri. E já quase sem fôlego, me vi à frente do edifício. O mesmo edifício que indicava no alto do portal, estampado na placa dourada, o mágico e imponente número “38”, como no sonho... como no pesadelo!... Em instantes, os “seguranças” chegaram. Cercado, restava-me apenas o gesto impulsivo de seguir em frente. Percorri um

caminho tortuoso, subindo degrau por degrau as escadarias de mármore com corrimãos brilhantes, carregadas de uma luz forte que vazava das janelas e vitrais... Sob a pressão dos “seguranças”, me vi ofegante no topo do edifício, de onde se reconhece a esplendorosa vista da grande cidade. Acuado, apontei-lhes os bilhetes. Insisti que eram meus, só meus, ninguém poderia tomar-me a sorte grande!...Diante do olhar perplexo dos meus perseguidores, os bilhetes, sob minhas mãos, ganhavam asas e arriscavam vôos descontraídos e tortuosos sobre a cidade!...À margem de mim mesmo, distante, longe como eu nunca estivera, eu insistia em levar ao ápice aquele êxtase que me invadia por inteiro!...Fiz surgir como minha, a incontrolável ladainha do Cego:

“ - Trinta e oito!... Dezena Trinta e oito!... Hoje vai dar Coelho!...”

Os “homens” ainda tentaram me demover do perigo a que me expunha, caminhando a esmo e em rodopios, ali no beiral do edifício. Rogaram-me misericórdia. O Cego era um trabalhador, um pai de família!... Eu seguia alheio, ausente e delirante, louvando a sorte grande e, pouco a pouco, livrando-me dela, espalhando ao vento e ao léu, todos os “bilhetes premiados”... Impotentes, os perseguidores ainda tentavam decifrar os meus gestos marcados pelo delírio, quando, como no sonho, sem nenhum controle sobre mim, lancei-me ao vazio em busca de um amparo...certo de que, dali a instantes, em fração de segundos, antes de chegar ao solo, quem sabe, eu ouviria novamente o chamado, a voz, a voz de Deus, a mesma que me apontara o caminho da “Terra Prometida!”.

/ MARIA INOCÊNCIA

LÚISA MARIA FERREIRA PINTO DE LIMA

O inverno irrompeu sem dar tempo à despedida da folhagem vermelha que se desprendia abruptamente das árvores da alameda, defronte da igreja matriz. Os galhos enregelavam-se, como se quisessem sustentar as derradeiras vestes açoitadas pela ventania. A geada começava a reluzir nos telhados, e alguns tordos espreitavam tristes, debaixo da densa neblina do crepúsculo que se abatia nos beirais.

Várias mulheres desciam a escadaria da igreja, embrulhadas nos xailes para se protegerem da aragem fria que fustigava, sem piedade, os corpos das mais idosas. Saíam da missa semanal vespertina, e já pairava no ar o cheiro a caruma que convidava ao calor da lareira.

Amélia atravessava a correr a rua vidrada pela chuva miudinha. Quase tropeçou em alguém.

- Boa tarde, Amélia. Já não se cumprimenta a sua antiga professora?

A professora Doroteia não mudara. O seu sorriso continuava um jardim que germinava afetos.

Amélia deu-lhe um beijinho, pedindo desculpa pela distração.

As mulheres que saíam da igreja abrandaram o andar. Olharam para Amélia e cochicharam entre si, tapando a cabeça com os xailes negros. Talvez assim, Cristo de quem tinham acabado de se despedir não visse nem ouvisse. “Até parece castigo de Deus! Cá se fazem, cá se pagam! Deixou morrer a mulher ao abandono e olha...” “Cala essa boca, mulher! Gaspar tem aquele feitio, mas no fundo não é má pessoa, o que lá vai lá vai.” ” Pois é, mas uma mãe faz muita falta!”” O velhaco do Gaspar pensava que metia a filha numa redoma de vidro e acabavam-se os perigos do mundo? Como é que a rapariga perdeu a vergonha com um homem casado!?” “ Até parecem coisas do demónio!” “ Aquela família anda embruxada! Já não bastava a mãe daquela ali em baixo ter a morada aberta...”

Amélia pressentiu nos olhares do mulherio que falavam dela, mas não estranhou. Já se acostumara a ser o alvo de pensamentos alheios.

- Que pena a vida da Maria Inocência - comentou a professora

com Amélia - inteligente como tu, aquela garota! Já deve ser de família! Mas o teu tio com aquela teimosia de a proibir de estudar...Se a tivesse deixado ir para o colégio, se calhar, não lhe tinha acontecido nenhuma desgraça. Sinto uma dor tão grande no meu coração! Ainda estou a vê-la na carteira da frente, sempre interessada. Vivaça, aquela garota! Ai Amélia, minha querida, que Deus te proteja!

Amélia não percebia nada e olhava, atônita, o rosto meigo da professora Doroteia.

- Então não sabes o que se diz por aí? Diz-se que a tua prima engravidou do senhor Benjamim. O taxista, não sabes quem é?

Amélia ficou incrédula, sem conseguir processar bem o que acabara de ouvir. O corpo e a alma, enregelados, aprisionavam-lhe os pés no empedrado da rua, impedindo-a de estugar o passo para acudir à mãe, que prostrada na cama, estava num daqueles dias depressivos em que renunciava à vida.

O tio Gaspar, cada vez mais quebrado e doente, perdera as forças para as longas caminhadas até ao centro da vila.

Maria Inocência bateu asas e voou. Foi comprar os medicamentos para o seu pai octogenário.

E, tal como os passarinhos, parou deslumbrada no jardim. Arrancou pétalas de flores e sentou-se no banco de madeira a contá-las, para que o tempo passasse devagarinho, debaixo do céu infinito.

Passou o taxista e teve uma miragem. A filha do sapateiro rezingão ali, sozinha? Ela era a flor mais bonita do jardim!

No dia seguinte, à mesma hora, ela estava ali outra vez, no mesmo banco, como se fizesse parte do esplendor da natureza.

O taxista saiu do carro e sorriu-lhe. Era um homem alto e espadaúdo. Vestia um casaco escuro de cabedal. Só lhe faltava o chapéu e a pistola à cintura para ser um cowboy igual aos que Maria Inocência costumava ver na televisão a preto e branco, enquanto o pai ressonava no sofá.

Ela devolveu-lhe o sorriso com a mesma ingenuidade com que pasmara a observar um casal de namorados que por ali passara.

- O teu pai como está? Deixou-te sair sozinha até à vila?

- Sim. Ele está adoentado. Agora sou eu que faço as compras - explicou Maria Inocência orgulhosa da sua responsabilidade e dos primeiros passos de liberdade.

O taxista Benjamim continuou a rondar por ali, todas as tardes, e acenava-lhe. Ela retribuía e entretinha-se a observar os namorados que escapavam do jardim para se abraçarem no meio do matagal. Nos seus devaneios de puberdade, tinha ânsia de conhecer o mundo para além das paredes da sua casita, encafuada entre dois sombrios castanheiros.

Dias depois, o taxista ofereceu-lhe boleia. Não custava nada e alivia-lhe o peso dos sacos da mercearia. Ela aceitou. Era bom ter alguém com quem conversar.

Maria Inocência passou a esperar a sua boleia, fascinada com a destreza com que o senhor Benjamim conduzia nas curvas e contracurvas por entre moitas e pinhais. Ele costumava deixá-la uns metros antes da sua modesta casita. No fundo, oferecia-lhe aqueles passeios para a distrair, já que o sapateiro rezingão não a deixava conviver com a mocidade. Chegou a convidá-la para a levar à praia, e ela, liberta das garras do pai, aceitou radiante. Só tinha ido à praia uma vez, quando tinha quatro anos e adoecera. A partir de então, o pai proibira o vento do mar para a proteger da bronquite.

Na praia, Maria Inocência descalçava-se e corria pelo areal, livre da masmorra da vida que levava, e quando a espuma das ondas se desfazia a seus pés, saltitava de contente como uma andorinha.

O senhor Benjamim começou por lhe acariciar o rosto para lhe sacudir a areia do nariz. A dada altura, Maria Inocência também tinha grãos de areia nos lábios carnudos, cor de ameixa. Mais tarde, o taxista encostava o seu rosto ao dela para aspirar o seu perfume e murmurava baixinho: “Cheiras a flores e a maresia” e deslizava, muito suavemente, as suas mãos enormes por baixo da saia rodada e colorida de Maria Inocência.

O senhor Benjamim tinha pai, mãe, mulher, filhos, trabalho, hábitos sociais e dizia-se cristão. Contudo, de humano só tinha o corpo atlético e a fisionomia de cowboy.

Maria Inocência teve momentos de se irritar, sentindo emergir, dentro de si, a negatividade dos seus atos, mas já não foi a tempo de resistir. Faltaram-lhe, entre outras coisas, a mãe, amigos, amigas e fadas boas, disfarçadas de professoras. Os seus sonhos ficaram presos no carro do taxista.

Ao longo das fantasias eróticas, os seios foram-se tornando mais volumosos e apetecíveis, mas a verdadeira tragédia deu-se quando o ventre também se avolumou.

Gaspar, que se apercebera do quanto o ventre da filha dilatava de mês para mês, não teve forças para barafustar. O seu leito tornara-se a sepultura triste do seu corpo que mirrava na proporção inversa do ventre da filha.

Naquele tempo, assistia-se ao desenvolvimento de ideais feministas, mas o percurso destas ideias estava muito longe de chegar à vila e, se algum resquício chegava, era reprimido pelo padre no confessionário. Talvez por isso, a esposa do senhor Benjamim, que comungava todos os domingos e teve conhecimento dos desvarios do marido, manteve com ele uma atitude serviçal e resignada, como se algo de natural se tratasse. E, foi com essa mesma naturalidade que o marido foi visitar o sapateiro rezingão.

O taxista enterrou as mãos nos bolsos e explicou, em surdina, que nada faltaria à criança que iria nascer. Gaspar não falou nem rezingou, escondido por detrás das barbas longas e brancas que se confundiam com o lençol. O senhor Benjamim abandonou a casa, o mais silenciosamente que pôde. Nem se despediu de Maria Inocência, quando esta foi fechar a porta. Foi nesse instante que ela acordou da sua teia de enganos.

Todavia, quer fosse por orgulho ou imaturidade, quer fosse por qualquer característica intrínseca à sua personalidade, Maria Inocência não perdeu o riso que se tornou irascível, descarado até, segundo as más

línguas. Ela era um ser indomável com sede de viver, e mãe, era tudo, menos a forma como se via a si própria.

Recorreu a diversas mistelas abortivas, aconselhadas pela esposa do senhor Benjamim, que, entretanto, passou a visitá-la pela calada da noite. A adolescente bebeu de tudo: desde chá de arruda misturado com canela e cravinho, ao chá de carqueja com cachaça. Nada fazia efeito. Até chegou a misturar umas gotinhas de mercúrio no vinho, com a esperança de ver encolher a barriga.

Só que, como a barriga continuou a crescer, a esposa do senhor Benjamim encarregou-se de contar as luas para prever a altura do nascimento. Quando, segundo as suas contas, o parto estava para breve, ordenou ao marido que passasse todos os dias pela casa do sapateiro Gaspar. Seria uma boa ação chamar uma parteira, porque levar a rapariga ao hospital, daria nas vistas e os médicos poderiam denunciar a idade da pequena.

Numa tarde cinzenta, em que o vento frio, mas brando, agitava suavemente as folhas dos altos castanheiros, a parteira saiu do táxi do senhor Benjamim, à porta do sapateiro rezingão. Porém, o menino, afogado no ventre da mãe, não logrou espreitar o mundo cá fora. Ninguém viu a cor dos olhinhos que não se abriram fora da placenta.

Dizem que os anjinhos, no seu estado de pureza, vão direitinhos para o paraíso.

Ao contrário de seu filho, anjinho lá no céu, Maria Inocência não precisou de reinventar o inferno, habitado por pecadores em fogueiras tenebrosas. O inferno dela passou a ser vivido num pesadelo feito de gestos e de olhares de toda a gente da vila.

Fecharam-se para sempre as brechas da esperança.

Maria Inocência passou a exhibir o seu riso irascível nos retrovisores dos carros. Era só aguardar o seu dono...

Entretanto, após alguns meses acamado como um verme ressequido, Gaspar faleceu. No dia a seguir ao funeral, o senhor Benjamim, num misto de generosidade acobardada, ofereceu dinheiro a Maria

Inocência para que esta pudesse tirar a carta de condução. Quem sabe, foi uma tentativa inconfessada de a impedir de pedir boleia.

Algum tempo depois, dizia-se na vila com sarcasmo: “ A princesa do Gaspar virou taxista...”,e as mulheres receavam que seus maridos viajassem na companhia de uma princesa abandonada. No entanto, nenhuma delas, católicas praticantes e subservientes de seus maridos, conseguiu impedir que Maria Inocência se tornasse uma presa fácil de malfeitores, porque a sua solidão era maior do que o mundo.

/ DESPERTAR NATALINO

PAULO FLORINDO

Dizem que o Cara nasceu há mais de dois mil anos. Existem cerca de um bilhão de pessoas que acreditam nisto e comemoram sua aparição neste mundo desgraçado. Para celebrar o nascimento do bendito Ser, inventaram uma “mega” festa que acontece anualmente em todo mês de dezembro, principalmente aqui, no lado ocidental desta rocha redonda que vaga o espaço. Dizem que é um planeta. E chamam essa joça de Terra. Voltando às festanças, li em algum almanaque qualquer que o surgimento de um velho com aparência bonachona que se fantasia de vermelho e desce pelas chaminés carregando um saco nas costas é mais recente do que o nascimento do menino santo. Foi criado pela necessidade do comércio que precisa de um símbolo para estimular as vendas. Bem, pelo menos esta é a versão oficial para a criação deste personagem criado para complementar a festança, uma vez que os mercadistas a julgavam incompleta.

Outrora, o velho bonachão viajava em um trenó, puxado por renas voadoras. (abre um parêntese) Eu até poderia fazer um trocadilho infame e dizer que são renas viadoras, da palavra viado, coisa e tal, mas não fica bem nestes tempos de intolerância, apelar para baixarias (fecha o parêntese). Atualmente ele viaja pelas redes sem fim deste mundão conectado a mil por cento nas redes de fisgar bobos. Analisando friamente e com bastante tempo para pensar, como é o meu caso, posso até dizer que o velho tinha uma certa pegada ecológica. Afinal, rena come pasto, já que é herbívora. Isto se enquadra em combustível não fóssil, preocupação modernosa dos pseudo ambientalistas de escritório. Eu não nego e admito com veemência: adoro cheiro de gasolina ou de álcool. Tanto no tanque quanto no copo. Mas esta é outra história.

Eu acho mais fácil acreditar no Raulzito, que nasceu a dez mil anos atrás do que confiar no velho barbudo que se veste de vermelho e aparece a cada final de ano pra espezinhar a vida da gente. Além de gordo, veste a cor dos comunas. Duas classes de gente que, meio envergonhado, eu confesso não gostar muito. Para completar meu descrédito com o tal

“bom velhinho”, o dito cujo ainda sai por aí a distribuir coisas pros outros. Querem sinal maior de comuna? Mas... nem eu aguento mais esta minha ironia. É papo de quem não tem o que fazer, a não ser delirar e xingar a tudo e a todos que se apresentarem na minha frente.

Além de não acreditar em quase nada disto que acabei de pensar, também não acredito em destino, carma, essas coisas. Também não creio em sina, muito menos em pecado. Principalmente, não acredito nesta história de pagar pelos pecados (se aceitassem cartão de crédito no inferno...). Eu posso morrer imóvel neste leito, raquítico, sem conseguir mexer nem os olhos, com esta dor insuportável, mas não admito nenhum tipo de baboseira esotérica ou algo parecido.

Como devem ter percebido, estou hospitalizado, imóvel e fixo nesta cruz horizontal. Os urubus que vestem branco dizem que estou em coma. Acho que agora, posso me permitir um trocadilho: não estou em coma, estou em cama. Essa foi boa, não foi? Cama, mesa e banho de toalhinha que o enfermeiro nojento vem fazer neste “corpícho” esbelto, reluzente e por enquanto, meio gordo. Até quando continuarei obeso, não sei. Não sei se estarei vivo no próximo natal, não sei se terei peso suficiente para ser mais uma vez o melhor papai Noel do Shopping. Só sei que estou por um fio. Ou por um monte de fios. Deixa eu analisar: tem o verde, o vermelho, o preto. Qual que eu corto? Oras! Isto não é “roliudi” onde se corta um fio e se evita uma explosão. Aqui, tudo explode nas minhas costas largas. Daqui a pouco até a bolsa de colostomia vai estourar. Seria, enfim, a confirmação daquilo que o gerente da loja de doces me disse antes de me dar um chute no traseiro. Aquele desgraçado, não esperou nem passar o natal para me mandar catar coquinho. Tinha que ser na véspera para me dar o cartão azul?

Mais uma vez vou ter que aguentar aquele palhaço metido a cantor vir esvaziar a minha bolsa. Além de cantar mal, o desgraçado tem um repertório de mal gosto a não poder mais. Se for pra ouvir um desafinado todo dia, eu preferia que cantasse alguma do Raul. Menos aquela música ouro de tolo. É uma canção que me traz tristes e desastrosas lembranças.

É melhor o enfermeiro continuar com seu repertório que ajuda a encher a minha bolsa de colostomia. Tá bem, enfermeiro... poderia até cantar ouro de tolo, mas já aviso que o meu corcel não era 73. Era um possante corcel II último tipo. Foi o de 1986. Foi o derradeiro exemplar. Era o meu xodó. Ou melhor, era o meu trenó, onde eu transportava os meus presentes. Sim, meus presentes. Por acaso, tenho cara de papai Noel?

A loja de doces onde eu aturava os pirralhos ficava ao lado de uma loja de telefones. Tinha os últimos modelos lançados pelos maiores fabricantes destes brinquedinhos caros que são o sonho de consumo de onze em cada dez mortais. É ali naquele antro do consumo que o povo esquece o motivo do natal que eles tanto adoram. Ao entrarem por aquela porta passam a desejar um novo pedaço de vidro, metal e plástico ao invés de almejar um pedaço do céu. Eu entendo eles, afinal eu nunca desejei um pedaço do céu, a não ser o céu da boca da Luzia, aquela faxineira que desfila pelos corredores como fosse uma porta-bandeira do primeiro grupo. Luzia... Luzia... e agora eu não consigo nem mexer os olhos.

Voltando aos brinquedinhos, confesso que o olho cresceu mais do que a barriga. E olhem que esta pança é bem paquidérmica. Eu ali, todo o dia olhando essas belezinhas, vendo os preços na etiqueta. E mal posso pagar um cartão de pré-pago. Então, sabem como é: a oportunidade faz a ocasião. Eu sei que o ditado não é bem esse, mas prefiro não falar a palavra que rima com ocasião. A demissão na véspera de natal foi o gatilho para colocar em prática o plano de confisco dos aparelhos que foram meus parceiros de vitrinas no último mês. Confesso estar envergonhado agora que tenho bastante tempo para pensar no tamanho da bolsa de colostomia que enchi com a minha irresponsabilidade.

Ouro de tolo, nada melhor do que esse título para lembrar da desgraça em que me enfiei. Encher o porta-malas do meu corcel com quinquilharia alheia, definitivamente não foi uma boa ideia. Ainda mais nestes ambientes totalmente monitorados por bisbilhoteiros dos sorrisos alheios. Eu nunca sorri para estes aparatos eletrônicos. Prefiro ser filmado com a carranca que a natureza me brindou. Ainda bem que aquela barba

falsa escondia este rostinho lindo. Imaginem vocês, as câmeras registrando um papai Noel arrombando uma loja de shopping no final do expediente enquanto enchia o carrinho da limpeza com aparelhos de telefonia. Além de tudo, o burro colostomizado aqui não foi capaz nem de escolher os melhores aparatos. Levou de tudo, principalmente aqueles aparelhos com teclas grandes. Nem tão velho assim estou para precisar daqueles produtos especiais para idosos. Desgraça pouca é bobagem quando o cara tá em má fase.

Na fuga, acelerei desesperado para escapar do flagrante. Eu tinha pressa para entregar a encomenda nas quebradas. Assim, eu poderia pegar a grana para quitar a dívida com o gerente da financeira alternativa que prometera me apresentar antecipadamente ao Cara que motiva o natal. Neste momento, já era noite de natal. Ao longe e também perto, os fogos de artifício pipocavam anunciando a chegada do menino que me fez vestir aquela roupa quente e aguentar um monte de moleques dia e noite para ganhar míseros trocados. Por ganhar pouco e gastar muito, tive que pegar dinheiro emprestado com aquele simulacro de banqueiro. E essas coisas de dever dinheiro, depois de começarem, não tem fim. Ou tu paga, ou te apagam.

De repente os fogos da anunciação natalina se aproximaram demais de mim. Foi quando entendi que não eram de artifício. Eram de grosso calibre e um destes projéteis veio direto no meu bucho. Perfurou tripas, se alojou na coluna e me deixou neste estado de mais pra lá do que pra cá. Agora, apenas assisto a minha vida passar diante dos meus olhos, ou atrás. Já nem sei por onde passa essa minha vida ordinária. Certo estava um doutor que disse num programa de tevê que nem sempre o estado de coma leva à inconsciência total. Eu sou testemunha tipo múmia parálitica e muda que comprova o estudo do tal doutor. Além de saber tudo que se passa, ouço e vejo o que acontece ao meu redor. Sei, por exemplo, que hoje faz um ano do fato acontecido. É natal novamente. Também sei que, assim que eu sair daqui, irei direto para a cadeia. Talvez até encontre meu credor por lá. Não sei o que é pior. Ficar aqui, quase morto, morrer de verdade ou

ser morto no presídio. Também sinto muita dor. Não no ferimento, pois a sedação pesada me alivia deste sofrimento. Sinto dor na alma, dor no coração. A Luzia nunca veio me visitar.

O resumo da ópera bufa em que me meti é que estou morto. Só falta enterrar. Não consigo dizer o que sinto, não posso dizer que me arrependo. Apenas aguardo que este corpo se recupere para eu poder pagar os meus pecados. Droga! É muita dívida para um corpo só. Além de tudo, já passaram meia dúzia de fantasiados por aqui. Até papai Noel evangélico veio me visitar. Um saco cheio de bíblias é dose para elefante. Até rezaram pela minha alma. Quero saber quem foi o X9 que me entregou para o pastor Noel que repetiu um a um os pecados que cometi nestes últimos anos. Suspeito que deve ser meio padrão a pregação desta gente.

Opa! Mexi um dedo. Acho que mexi um dedo, sim. O apito dos aparelhos começou a gritar. Vem rápido, enfermeira de plantão e analisa estas geringonças. Parece que voltei à vida, finalmente. Peraí! Eu conheço esse cara vestido de papai Noel que está entrando.

Chicão? Eu não tenho a grana. A polícia pegou toda a muamba na noite em que eu fui preso. Chicão, guarda esta pistola, pelo amor daquele no qual não creio. Chicão, tu és cristão e hoje é natal. Lembra, cara, o Carinha nasceu pra nos salvar.

Não, Chicão!

/ O TEMPLO DO TEMPO

CORACY BESSA

Sob a chuva e o vento, o Templo do Tempo se ergue solitário no alto da colina. Paredes altas de pedras carcomidas registram a passagem dos séculos. Através das aberturas de acesso e ventilação, a luminosidade oscilante de velas acesas no interior difunde uma aura suave e convidativa. Um murmúrio contínuo de cântico ou prece parece acompanhar as oscilações mais intensas das rajadas do vento. Serpenteando até o templo, as pedras do caminho, debruadas de limo, definem a passagem reservada aos peregrinos. No restante, as vertentes da colina se deixam invadir por riachos de lama — como a derreter um imenso sorvete de chocolate.

A esta evocação, um calafrio percorre o corpo encharcado do vulto que se aproxima do santuário. Vestes esfarrapadas pendentes dos ombros estreitos, sapatos gastos e ensopados mal protegendo os pés exaustos, o vulto avança, claudicante. Falta tão pouco!

Não se lembra bem de como iniciara a jornada. Recordava-se mais dos maltratos, das privações, sevícias e ameaças. Quando começaram, não faz ideia: parece-lhe que sempre existiram. Talvez, quem sabe?, desde que nascera: o peito que lhe fora negado em prol do seu gêmeo; o seu bocado menor, para que mais sobrasse para o “outro”; o brinquedo que desejara e vira ofertado a “ele”. Crescera “aos trancos e barrancos”, como diziam os mais velhos. Por companheiras tivera a revolta, a dor, a perplexidade diante da vida. Crédula, apegara-se aos deuses, anjos e duendes em sua busca por tempos melhores.

A escola lhe fora interdita: somente ao menino fora dado o privilégio — depositário que era dos projectos de futuro da família. Aprendera a ler manipulando, às escondidas, os livros do irmão. Descoberta, após ser bastante castigada, passara a recolher do lixo das ruas revistas, folhetos e romances mutilados. Passara a inventar os acontecimentos ocorridos nas folhas que faltavam. Descobrira, assim, o prazer de criar e o poder da fantasia, elaborando um mundo imaginário para si.

Fugira de casa aos onze anos. A vida nas ruas dera-lhe a liberdade de ação jamais experimentada. O alto preço cobrado, fora pago: mendigara e roubara para sobreviver, drogara-se, para conviver nos grupos e gangs, passara por delegacias e “casas de apoio”, conhecera formas violentas de amar e odiar — até tomar consciência de que precisava se afastar de tudo que, até então, conhecera.

E iniciara a busca pela serenidade. Busca que a trouxera ao Templo do Tempo.

O homem parecera-lhe um enviado do Além. Sua figura ascética dava-lhe a aparência de um fantasma. Seus gestos lentos semelhavam o bater de asas de ave em vôo planado. A voz, profunda e pausada, tocara-lhe não apenas os ouvidos, mas, também, a sua alma. Seguiria-o, a princípio de longe, de praça em praça, ouvindo sua mensagem, aquecendo-se ao calor de sua voz, inebriando-se de sua figura. Deixara-se levar pela fantasia imaginando gestos, palavras e atitudes que fariam parte de sua vida ao se completarem pela magia do sentimento maior. Vira-se, pela primeira vez, realmente apaixonada pelo forasteiro.

Com o passar dos dias, sua impaciência amorosa a fizera tentar aproximar-se do objeto do seu desejo. Porém, quando lhe parecera prestes a alcançá-lo, o pregador se afastara e desaparecera misteriosamente na multidão. Convencera-se de que, para merecê-lo, teria que se transformar em alguém semelhante a ele: precisava tornar-se pura de corpo e de alma. Passara a jejuar, deixara as más companhias, abandonara os vícios — com muito esforço, sem dúvida. Ao sentir-se renovada física e espiritualmente, decidira seguir-lhe os passos pelo resto de sua vida. Ele a acolhera com simplicidade e sem qualquer intimidade. Encarregava-a de pequenas tarefas: distribuir folhetos entre os que o escutavam, providenciar a compra e a feitura de alimentos, cuidar das suas vestes. Como conseguia dinheiro, não era nenhum mistério: os ouvintes, a cada pregação, deixavam abarrotado o cesto de coleta de doações.

Julgando conseguir satisfazer-se com essa devoção platônica,

ela se enganara: o fogo da paixão a consumira e passara a enciumar-se de qualquer mulher que se aproximasse do seu ídolo. Seu corpo ansiava pelo toque de mãos, sua boca fremia por palavras não pronunciadas, sua alma sangrava pelo desejo insatisfeito e o amor não correspondido. Sentira que o amor é uma via de mão dupla: há que haver reciprocidade. A unilateralidade do amor está fadada à autocombustão. Sorrateiramente, o sentimento de ódio instalara-se em seu coração. Tudo que a encantara ao enamorar-se, passara a alimentar-lhe o ódio: os gestos, as palavras, a voz. As mensagens edificantes pareceram-lhe vazias, enganadoras, hipócritas. Sentira-se culpada por pactuar com tudo aquilo. Atribuiu-se o dever e a tarefa de livrar o mundo de tal aberração.

Gradualmente, gotas de veneno foram acrescidas aos alimentos por dias, semanas e meses. Com prazer diabólico, verificara o empalidecer das feições, o amarelecer do tom da pele, o tremor das mãos, o enfraquecer da voz daquele a quem seguira por tanto tempo. Cuidara-o com desvelo, até o estertor final. Sepultara-o em cova simples, sem o acompanhamento dos seguidores afastados há tempos.

E começara o tempo de solidão. Passara a escutar-lhe a voz no sussurrar das folhas das árvores das praças. O remorso turvara-lhe a luz do dia, empalidecera o encanto das noites, diluíra o perfume das flores, abafara o canto das aves. A angústia tornara-se sua irmã gêmea. O tempo parecera esmagar-lhe o espírito. Decidira expurgar o seu crime ainda neste mundo, sem esperar pelo julgamento de algum Ser, na eternidade. E começara a peregrinação por terras desconhecidas, gente estranha e costumes ignorados, em busca do inatingível — a paz. Alimentara famintos, desvelara-se junto a doentes, cuidara de órfãos, lutara por indefesos. Contudo, sem encontrar guarida para sua alma inquieta.

A chuva cessa, os ventos amainam. Com esforço, a mulher avança pelo restante do caminho, galga os degraus da escadaria e atinge a porta de entrada do templo. As chamas das velas, agora firmes, iluminam melhor a vastidão da nave. Colunas altaneiras sustentam a abóbada enegrecida pela fumaça das luzes votivas. Os vitrais, no alto das paredes, exibem suas

cores mais vivas e arabescos nas molduras metálicas. O suave perfume de incenso se difunde por todo o templo. Surpresa, a mulher constata a total ausência de imagens e estampas de deuses, anjos e demônios. Sorri. O Tempo não tem concretude, logo, não possui nenhuma representação pictórica ou estatuária. Sente que, aqui, encontrará a serenidade que procura. Prostra-se.

Como se houvesse violado o espaço sagrado, a terra se convulsiona, ondas sísmicas irrompem-se de suas entranhas e ampliam-se. O Templo do Tempo treme em suas bases, as paredes rompem-se e o teto desaba.

A mulher salda a sua dívida.

/ MEMÓRIAS DE NATAL

ALDENOR PIMENTEL

O ano é 3025 d.C. Não sei exatamente o que isso significa. Alguém, certa vez, me disse que somos a geração sem memória. Nem lembro mais por quê. Talvez seja o excesso de informação.

É véspera de natal. Não há enfeites nos prédios, na frente das casas, nem nas árvores. Aliás, árvores restam poucas pela cidade. As ruas estão desertas. Não é por menos. Ruas são lugares perigosos. Por isso, é proibido permanecer nelas. Por aqui, ficam somente aqueles de muita coragem ou que muito necessitam. Este é o meu caso. Meu nome é Nicolau. Uma homenagem ao meu avô, o último Papai Noel de shopping da família.

Com o avanço da tecnologia, as pessoas deixaram de ir aos lugares fazer compras. As compras passaram a ir até elas. Os shoppings ficaram obsoletos e vô Nicolau perdeu o emprego. Minha avó, com quem fui criado, dizia que as crianças já não acreditavam em Papai Noel, o que acabou com o espírito do natal. Até hoje, não entendo o que ela quis dizer com isso. Afinal, as pessoas continuam a gastar muito nas festas de fim de ano, como sempre foi.

Meu sonho era ser médico, mas não passo de um andarilho, a perambular pelas ruas, vestido com a antiga fantasia de Papai Noel do meu avô. Minha vida é pedir moedas dos poucos que encontro pelo caminho.

Algo me diz que hoje será um dia incomum. Talvez por causa da manifestação que, pelo que ouvi dizer, será aqui na Praça Central. Motivos para protestos sobram, mas há também muito medo do que possa acontecer a quem deles participe.

De repente, a praça fica lotada. A maioria parece ser de jovens, que cobrem o rosto com máscaras de LED. A tropa de choque chega logo em seguida. Cada soldado na sua nave. Há uma gritaria geral, seguida de tumulto, empurra-empurra e correria. A tropa joga água salinizada na multidão e aciona o dispositivo de choque. A maioria cai desmaiada. Alguns conseguem fugir. Terminado o trabalho, a tropa parte em revoada.

Aproximo-me dos feridos, para ver como posso ajudar. Meu Deus!

Entre eles há uma grávida! A jovem de pele negra e olhar determinado reclama de fortes dores. Com a ajuda de um homem de barba e cabelos grisalhos, pego-a no colo e a levo a um lugar seguro perto dali. À sombra de uma árvore, forro o chão com a bandeira lilás que a jovem trazia na mão direita.

— O que você estava fazendo, grávida, naquela manifestação? — questiono-a.

— Era necessário — responde ela.

Penso em dizer que nunca vira em alguém tamanha loucura, mas digo ‘coragem’.

— Não há mais tempo para conversa. Ela está em trabalho de parto — interrompe-nos o ancião, pelas mãos de quem o bebê viria ao mundo, minutos depois.

O homem confia-nos que aprendera com a mãe, viúva, a fazer partos. Ela era uma mulher forte que, além de ajudar crianças a nascerem, dedicava a vida a tratar enfermidades dos desenganados que a procuravam.

— Qual o seu nome, menina? — pergunta o ancião.

— Maria — ela responde.

— Parabéns, Maria. Bendito é o teu filho! — diz o homem, ao envolver o menino na faixa em que se lia ‘Pelos direitos das mulheres’. Ao olhar Maria nos olhos, o ancião diz que ela lembra outra mulher de muita coragem, e nos conta uma história que me parece tão familiar, apesar de nunca tê-la ouvido.

Fala-nos de uma jovem também chamada Maria, que vivera há muito tempo bem longe dali. Ela estava noiva quando foi chamada para ser a mãe do filho de Deus, aquele que, ao ouvir o clamor do seu povo oprimido, desceria do céu para libertá-lo. Maria sabia que aquilo era arriscado. Temia chorar as dores de ver o filho morto por desafiar os interesses dos poderosos. Antes ainda, corria o risco de ser apontada nas ruas como mãe solteira e ser apedrejada até a morte, por trazer no ventre um filho fora do casamento. Mesmo assim, aceitou a missão.

O noivo de Maria era um homem bom e a amava muito. Não

deixaria que o pior lha acontecesse. Aceitou a noiva e o filho que ela trazia no ventre.

Por conta de um governo tirano, mesmo com Maria grávida, foram obrigados a deixar a própria casa. Como retirantes, sem lugar para repousar a cabeça, Maria deu à luz. O menino foi visitado por humildes trabalhadores das redondezas e gente vinda de longe, que era acusada de feitiçaria por olhar as estrelas e prever o futuro.

Anos mais tarde, aquele menino mudaria para sempre os rumos da História. Daria a maior prova de amor à humanidade e uma grande lição a todos nós: amar uns aos outros como ele nos amou.

Ao ouvir aquelas palavras, a jovem Maria e eu, ali debaixo da sombra daquela árvore, sentimos arder nosso coração. Da minha parte, por achar que a história não poderia cair no esquecimento, resolvi levá-la, aonde quer que eu fosse, a quem precisasse dela.

Agradecida, a jovem Maria resolveu dar ao recém-nascido o nome daquele que salvara a vida de seu filho.

— Como se chama, bom homem? — perguntou ela ao ancião. Com um olhar que nos inspirava, ele respondeu com mansidão:

— Eu sou... Jesus.

/ ALGO PARA SE LEMBRAR

RODRIGO MENDONÇA

Saiu do rio segurando um buquê e secando os cabelos, atordoada. Foi levada por mãos ágeis e solícitas até o fim de uma fila formada por silhuetas igualmente nuas portando flores. A procissão se estendia à sua frente até um ponto onde dois tronos gigantes se encontravam - tronos tão diferentes entre si quanto o dia e a noite. Dizer que o trono dele era esculpido em ônix seria tão simplório e depreciativo quanto dizer que o trono dela era formado por plantas que cresciam, se enrolavam, floresciam e frutificavam. Aqueles não eram tronos feitos por homens ou para homens.

- Onde estou?

- Morta - respondeu uma figura nua e atlética à sua esquerda. Seus cabelos encaracolados terminavam em duas pequenas asas que se mexiam lentamente quando ele falava.

Seus olhos doíam. Eles teriam queimado se ainda fossem mortais. Ela sabia instintivamente estar olhando para um deus:

- Por que não me lembro de nada? - a figura sombria na fila voltou a perguntar.

- O rio do esquecimento lava tudo - o mensageiro dos deuses apontou para o rio com um bastão onde duas cobras se enrolavam pacificamente, sibilando uma para a outra. Um outro par de asas adornava o topo do bastão.

A figura hesitou por um momento:

- Aqueles são...?

- A rainha das estações e o rei dos mortos.

Seus olhos de órbitas vazias se demoraram um momento nas flores em suas mãos. O arranjo era simples: um barbante amarrando um ramallete de caules verde-escuro e pequeninas flores de pétalas brancas estreladas que cingiam um pétala laranja em forma de tubo. Era possível sentir um leve odor cítrico. O sutil movimento da figura não passou despercebido pelo deus dos ladrões, que falou com o que poderia ser um sorriso no rosto.

Os vivos colocam junto ao corpo dos mortos um presente para Perséfone, para que ela lhe proteja. É impossível seguir adiante com o peso da vida anterior. Mas as flores ficam, assim você sabe que foi amada.

A sombra seguiu o cortejo de almas com um sorriso aliviado.

/ AS INCERTEZAS DE CRPT

JOAQUIM LOPES BISPO

Quando Crpt se religou, encontrou-se sentado na zona de acesso às partidas aéreas da cidade arqueológica de Ur. De imediato, detetou o imperativo de entregar uma mensagem impregnada na área encriptada, dirigida ao arqueólogo “Gilgamesh”. A instrução de ação era clara — “A mensagem deve chegar à Casa Branca na véspera de Natal do ano 2899” —, mas o que isso significava era um completo enigma. Por enquanto.

Tratou de consultar mentalmente a enciclopédia interna de acesso expedito. Ficou a saber que Natal era uma primitiva data religiosa, que se transformara numa festividade frívola, realizada pelo solstício de inverno do hemisfério norte, e que o significado principal de Casa Branca era o de um antigo edifício de comando mundial situado numa das zonas irradiadas na última Guerra do Petróleo. A escavação arqueológica do local iniciara-se havia uns vinte anos e era uma das mais prometedoras da Zona Oriental.

Para o esclarecimento de data tão bizarra, não havia qualquer pista. Decorria o ano 643 da era de Wu Wang e, seguindo a instrução à risca, tinha mais que tempo de a cumprir — 2256 anos e dois dias, mais precisamente. Isso era uma eternidade. Provavelmente, nem o seu corpo duraria tanto, apesar de ser fabricado com as mais dúcteis e resistentes ligas biometálicas e com tratamentos autorregeneradores. O seu trabalho quase permanente nas zonas irradiadas expunha-o a corrosões intensas. “Para quê, enviar uma mensagem com um prazo de entrega de milénios?”, perguntava-se. Havia, com certeza, um erro na data indicada. Ou, quiçá, uma charada a resolver na própria instrução de ação, que o destinatário sob pseudónimo prenunciava. Qualquer das hipóteses era pouco verosímil, dado o rigor normativo habitual das comunicações. Quando acontecia um erro, era invariavelmente da responsabilidade de um Homem.

Uma pergunta começou a dominá-lo: “o que esperaria dele o comando da Delegação de Kandahar, numa situação como esta?” Enviou um pedido mental de iluminação ao Conselho Central, mas, mais uma

vez, o silêncio foi a resposta. Dantes, acreditava obter revelação, quando pedia ajuda em momentos de incerteza, mas havia muito tempo que uma ausência absoluta de sinal era a norma. Sentiu-se abandonado por um momento, mas depois reagiu, confiando no permanente controlo da Delegação, ainda que silencioso, sobre o seu livre-arbítrio.

O melhor a fazer seria entregar a mensagem, o quanto antes. Mas, interrogava-se: “por que levar uma mensagem a uma zona irradiada, proveniente de outra zona irradiada, mas com escavações apontando para épocas tão diferentes? Por que tanto enigma na instrução de entrega da mensagem?” É certo que não lhe competia questionar, mas obedecer. Devia fazê-lo, embora sentisse que, apesar do imperativo subjacente, tinha autonomia para desobedecer. Mas, se contrariasse este, podia correr o risco de fazer algo pernicioso para o Homem. E isso era o pecado máximo. Por outro lado, a mensagem saía muito da rotina, a começar por não conseguir identificar a entidade que inculcara a mensagem encriptada no seu âmago.

O seu trabalho, nos últimos meses, era transportar informação classificada entre o centro arqueológico de Ur e a Central. Já havia levado várias mensagens à capital terrestre, com resultados das escavações arqueológicas nos níveis sumérios e, uma ou outra vez, sobre os progressos da descontaminação na região. Lembrava-se de todas essas viagens, mas, desta vez, só se recordava da preparação da viagem para a Região do Meio e de se religar já na estação aérea, com instruções para se dirigir à Zona Oriental.

Obedecendo à imposição imanente, cuja origem desconhecia, estaria a servir o Conselho Central dos 21 sábios de Wuhan ou a ser usado para fins proibidos, talvez por uma entidade revoltosa? Esta última intuição do seu intelecto perturbou-o. O que menos queria era ser manipulado por entidades perniciosas para os Homens.

Pensou, computou algumas das hipóteses prováveis para a explicação da situação e decidiu-se. Não seguiria para a Zona Oriental sem ter algumas pistas sobre o teor da mensagem que transportava, ou a entidade de origem; também não iria a Kandahar revelar as suas hesitações

sobre a missão de que estava incumbido; nem voltaria à escavação de Ur a queixar-se de angústia e a tentar obter respostas. A existir uma hipotética alteração da sua estrutura inconsciente, provavelmente, fora lá feita.

Como que respondendo a esta intenção de desobediência, uma angústia asfixiante invadiu-o. Olhou em volta à procura de ajuda, mas apenas ao longe divisou outras unidades cibernéticas autónomas. Com dificuldade ligou mentalmente a unidade de energia sobressalente e saiu para o exterior. O sol atingiu inúmeras das nanocélulas fotovoltaicas embebidas no revestimento, o que lhe transmitiu um novo ânimo, e a angústia desvaneceu-se.

Iria a Bagdad pedir ajuda e conselho a uma unidade cibernética de pesquisa e deteção, a única a quem alguma vez se afeiçoara, quando ela prestara serviço em Ur, uns dois anos antes. Era muito estimada na escavação e um arqueólogo Homem chegou a apaixonar-se por ela. A Delegação agiu sem demora e os amantes foram deslocados para escavações separadas. Agora, dedicava-se à descoberta, identificação e recuperação dos objetos do antigo museu de Bagdad, dispersos aquando duma invasão oriental, numa das primeiras Guerras do Petróleo, especialização com que fora entretanto impregnada.

A consciência cibernética dele proibia que lhe fizesse uma revelação integral das instruções recebidas, mas avaliou que era baixa a probabilidade de a divulgação restrita da instrução comprometer a missão. Aliás, sem ajuda, o desempenho da missão podia estar em risco. O máximo que podia acontecer — acreditava —, era reeducarem-lhe o processador central e mergulhar temporariamente na ausência de computação e mesmo de funcionamento elementar. O máximo era demasiado, mas estava disposto a sacrificar-se por um límpido serviço pelo Conselho, que por fim reconheceria os seus bons serviços e lhe devolveria a ligação.

Psqs recebeu-o com algumas manifestações de agrado, o que reconfortou Crpt. Analisaram ambos a situação deste e também Psqs estranhou a instrução que Crpt recebera. O protocolo de origem parecia

regular, mas vago — Base Ur —, e os dados individualizados do emissor estavam encriptados.

Ela lembrou-se, então, de calcular a que ano da era em vigor na época das guerras do petróleo corresponderia o ano em curso. Intuição certa: 2899. O que poderia denotar uma instrução, toda ela codificada com referências de mais de 600 anos? Seita cultora do passado? Brincadeira de técnicos cibernéticos? Casa Branca seria uma metáfora para o atual edifício das decisões mundiais em Wuhan? Por que Natal?

Psqs ficou silenciosa e introspectiva durante uns momentos. Depois, revelou que tinha acesso a um decodificador de mensagens encriptadas pelo método Ling; que se ele quisesse, podiam tentar abrir a mensagem. Entre o pecado cibernético e o perigo de estar a ser usado para trair o Conselho, Crpt optou pela transgressão.

O decodificador era adequado. Cautelosamente, começaram por aceder à identidade do emissor: “Arq. Lalit Chandra”. Ambos reconheceram o nome do vaidoso arqueólogo de Ur, especialista da civilização suméria, que denunciara o envolvimento do arqueólogo Gellert com Psqs. Dizia-se que, secretamente, realizava rituais de religiões antigas. A seguir, decodificaram a mensagem encriptada:

“Gilgamesh”!

Soube que foste instalado nessa base de elite, depois daquele episódio lamentável, com a nossa “amiga” cibernética. Se estás a ler esta mensagem, é sinal de que a lata eletrónica onde segue é tão arguta como eu suspeitava. Tive de criar uns enigmas na instrução, para contornar o controlo de comunicações.

“Gilgamesh”, grande amigo! “Enkidu” não te esqueceu. Como podia? Fazíamos uma equipe imbatível, coesa em todos os aspetos, que ainda hoje é lembrada em Ur. Andávamos sempre juntos, adorávamos estar juntos, por isso nos deram estes epítetos mitológicos que adotámos com gosto. Éramos tão felizes!

Não, “Gilgamesh”, “Enkidu” não te esqueceu. Nem te perdoou.

Como pudeste rejeitar-me, envolver-te com... Nem sequer era uma pessoa! Não passava de uma criação de engenheiros cibernéticos, uma escavadora com mamas. Nunca aceitei a rejeição, nunca a aceitei.

Presumo que estejas bem instalado, se calhar bem acompanhado. Eu? Chafurdo na lama mesopotâmica. Sozinho. Terrivelmente triste. Sem um carinho. Não aguento mais. Por isso te envio esta lata, com um voto de sonhos felizes. Bye!

Os amigos perceberam de imediato o que estava prestes a acontecer e só puderam abraçar-se, antes que a explosão levasse metade do edifício onde se localizava o alojamento de Psqs.

Na Delegação de controlo cibernético de Kandahar, perdeu-se, de repente, o sinal de duas unidades em Bagdad.

/ CONTE-ME UM CONTO

VINICIUS SURIS

Movimento de braço. Expressão facial. Entonação de voz. Estas eram as características que juntas moldavam a atividade rotineira do Sr. Stone, contar histórias. Seu apelo perante o público diário de alunos da educação fundamental era incontestável. Mas não somente eles o admiravam, os colegas de trabalho também. Quando aquele homem posicionava seu banco no meio da sala, um espetáculo que todos queriam orquestrar era iniciado. Cada criança se apressava em formar um círculo em volta do professor Stone que esperava pacientemente até todos estarem unidos para começar a história. Aos poucos, os mais de 15 pares de olhos se acomodavam e logo eram transportados para outra dimensão, mágica e encantadora.

Dentre sua plateia sempre havia um aluno específico empolgado além da média. Exceto em caso de falta por doença, geralmente era Zac. Stone se divertia sempre ao ver seu pequeno pupilo tentando acompanhar seus gestos com a admiração de um símio aprendendo os conceitos de mimese na prática. Mas o garoto sabia que quando o clímax da história chegasse, ele deveria escutar atentamente, petrificando-se diante do professor igual aos demais colegas.

A aventura mais recente a ganhar vida pela contação de Stone era as aventuras da bruxa Griselda. A curiosidade da turma estava maior do que o usual. A cada fragmento contado pelo professor, mais empolgadas as crianças ficavam. Todos só queriam descobrir o final da história. Stone também estava com os sentimentos mais aflorados ao contar os relatos de vida da personagem. Possuía um apego com a tal bruxa, pois ela era a protagonista da primeira história que marcou o início de sua trajetória como docente.

Nos momentos finais da encenação, quando a bruxinha adolescente

iria dizer sua última fala através dos lábios do professor Stone, a expectativa de todos se desfez. Ao invés de um desfecho satisfatório, os alunos ouviam apenas uma frase inacabada.

— E então... A Bruxa Griselda disse...

Em um primeiro momento, o palpite das crianças era que o Sr. Stone estava criando tensão através do silêncio, recorrente técnica de seu arsenal como contador. Mas quando todos se entreolharam diante da inércia que viam a frente, Zac foi o único que realmente observou além. Pela primeira vez sentia que o homem que tanto admirava estava desnortado, com uma expressão de pânico tão única que nunca havia sido encenada nem mesmo nos contos de terror. Ora outra Stone tentava restabelecer a última fala da bruxa Griselda, mas ou sua voz divergia do timbre proposto inicialmente ou uma fala de outro personagem dava indícios de vir à tona.

O toque do sinal marcou o fim da aula como de costume e os pequenos estudantes levantaram descoordenados em direção a porta como se participassem de uma competição olímpica. Nem olharam para o professor tampouco perguntaram sobre o final da história. A conclusão geral dos estudantes era de que Stone não poderia lhes dar qualquer tipo de encerramento ao enredo e, portanto, não adiantaria permanecer na sala a espera de uma resposta. Apesar de quase a totalidade da turma ter ido embora, a mochila de um único garoto permaneceu pendurada no cabide destinado a guardar os materiais dos alunos. Zac permanecia sentado no chão de frente para o professor. Sem um plano definido ele levantou de maneira acanhada e falou a primeira coisa que veio a mente.

— Tudo bem com o senhor?

— Claro... Quem não se esquece de alguma coisinha de vez em quando, não é? - respondeu com falsa segurança.

— De verdade? — insistiu o garoto.

— Tudo certo. Mas não é para mim que sua preocupação deve ir. Amanhã o reino de Admor conta com a sua presença Lord Zacharias, para livrá-los do mal.

Na curta frase, o menino vislumbrou o professor como o conhecia e pode deixar a sala mais despreocupado, embora o final da bruxa Griselda ainda permanecesse obscuro.

Nos dias seguintes, ninguém mencionou o incidente da outra aula. Sr. Stone voltou a demonstrar seu desempenho excelente e a história da bruxinha foi esquecida aos poucos. Mas como mencionado em outra ocasião, Zac era o aluno mais entusiasmado e devido a isso, não estava satisfeito com aquele final inacabado. Assim começou a criar seu projeto solo: *As Novas Aventuras da Bruxa Griselda*. Cada intervalo que tinha das atividades de leitura ou de interpretação de textos, se dedicava a escrever cada detalhe do enredo. Escrevia e reescrevia como um verdadeiro autor perfeccionista. Seu projeto estendia-se também nos horários que estava fora da escola. Em casa, seus pais começaram a ouvir estranhos barulhos que vinham de seu quarto. Deduziram com receio que o filho havia criado um amigo imaginário, o que psicologicamente não achavam um bom sinal. Mas quando Sheron, a mãe de Zacharias, não resistiu a tentação e olhou pela fechadura do quarto, tranquilizou-se ao ver o garoto com um papel em mãos estufando o peito e visivelmente tentando decorar algumas falas. O pupilo do Sr. Stone nunca soubera da espectadora escondida do outro lado da porta, o que na verdade foi benéfico para ele. Não estava pronto para ser avaliado.

O período de férias escolares havia chegado e todos estavam em polvorosa. Muitas famílias planejavam as viagens com antecedência vislumbrando qualquer oásis fora do ambiente urbano que pudessem encontrar. A família de Zac era uma delas. Passariam o verão hospedados em uma casa alugada a beira mar. Mas para a viagem iniciar de fato, um longo percurso de carro era crucial e todos deveriam estar com as malas prontas logo pela manhã. Ao levantar para preparar o desjejum, Sheron se espantou ao ver o filho de pé com tudo pronto, inclusive a primeira refeição do dia. O garoto havia esquematizado todo o seu dia na noite anterior, o

horário do despertador e o cronograma que seguiria a risca.

O relógio da cozinha marcava 07h30min e segundo a agenda de Zac, este era o horário marcado para a atividade intitulada: choramingar para os pais. Sheron ouviu o testemunho do filho sobre todas as aulas que teve com o Sr. Stone e o porquê ele era o melhor professor do mundo. “O que você quer filho?” perguntou a matriarca ao final e recebeu como resposta um simples pedido: visitar Matt Stone antes da viagem.

Às oito e quinze da manhã, Zac deixava sua bicicleta no portão de entrada da residência do professor. Foi recebido por uma jovem de nome Cecília que primeiro pensou se tratar de uma empregada e logo depois de uma possível namorada de Matt. Este por sua vez dormia em uma poltrona da sala de estar e espantou-se ao ouvir o ranger da porta de vidro que dividia o cômodo e a entrada da casa. O portal foi aberto na sequência por um garoto de aproximadamente 9 anos de forma teatral. Não era Zacharias, mas um dos personagens introdutórios da narrativa das Novas Aventuras da Bruxa Griselda. Os olhos do professor brilharam por ver a criança e pela sensação de pela primeira vez um aluno seu ser o encarregado da contação e ele apenas um espectador.

Os minutos com que passou com Zac foram um dos mais prazerosos de Matt após sua demissão da escola. Por isso ficou tão triste, talvez mais que o próprio menino, quando ouviu a buzina peculiar do carro dos pais do jovem ser acionada na rua em frente a casa. O garoto por sua vez não apressou o término da história e conseguiu encerrar a trajetória da Bruxa Griselda como queria. Seu ouvinte atento lhe parabenizou com palmas festivas e com um grande sorriso estampado no rosto. O garoto agradeceu curvando o tronco e não tardou em abraçar o professor com afincos, causando até certo rubor em suas bochechas. Despediu-se prometendo mais visitas após as férias e traria outra aventura na ponta da língua. Sr. Stone acenou devagar enquanto via o garoto saindo de sua

sala. Mas logo seu lerdo movimento com a mão cessou junto do sorriso que a pouco exibía. Esquecera o porquê de estar fazendo aquilo. Quando sua irmã Cecília voltou, ele perguntou extremamente confuso “Quem era aquele garoto?”.

/ NUVENS CINZAS

WELLINGTON OLIVEIRA DOS SANTOS

Os primeiros chegaram quatro ou cinco da manhã como água do rio prestes a transbordar. A agência estava cheia. Gente de toda parte da cidade e da região metropolitana. Mulheres com crianças no colo. Idosos com cara tristonha. Jovens impacientes. Entre eles, na cadeira de plástico, segurando a mochila velha, calça azul e branco, dedão do pé direito saltando para fora do tênis, eu deixava os pensamentos boiarem para longe.

O número exibido pelo aviso eletrônico, círculos de luzes vermelhas: 42.

Pela janela, olhei para o céu, que aparecia entre os prédios sem vida do centro. Típico dia nublado. Uma pequena fresta de azul, quase insignificante, lutava contra a hegemonia do cinza. Na borda da janela, a pequena mariposa vibrava de alegria. Se um inseto que vive pouco tempo, como a mariposa, tivesse a sorte de nascer, voar e morrer embaixo daquela fresta de azul, jamais conheceria o lado cinzento. Para ela não existem nuvens cinzas. Mas um dia, ela pregaria em um voo rasante aos outros insetos, um dia o céu será azul para você, nesta vida ou na próxima. Basta força de vontade, acreditar.

Questão de perspectiva.

Peguei o caderno grande da mochila. Estava em bom estado, o final do ensino médio não exigia muito dele. Nas folhas, linhas e mais linhas da narrativa que tentava escrever para as aulas de literatura, mas só conseguia formular trechos. Eu tinha muito tempo nas mãos. Comecei a ler.

O jovem Paulo voltou para casa carregado pelos raios do pôr do sol, suado, visual longe do apolíneo. Os pés doíam. A caminhada de quinze quilômetros do centro da cidade até o casebre de madeira em que morava com a mãe havia sido longa. Pelo menos não choveu, pensou. Naquele dia, este havia sido o primeiro pensamento positivo. Paulo participara de uma entrevista de emprego, para trabalhar como repositor de mercadorias em um supermercado. Cinco vagas, centena de pessoas. A recrutadora ou algo

parecido resolveu tudo em roda de conversa: vagas preferenciais para os residentes no bairro do mercado. Decepcionado, Paulo deixara o local, olhos como o Iguaçu em dias de chuva forte.

Entrou na casa de dois cômodos. Tirou os tênis rasgados, a calça social doada pela igreja e a camisa. Vestiu calção e a camiseta velha estampada com a foto de um candidato da eleição passada, era o que tinha para usar. Deitou na cama, olhou para o telhado sem forro. O laranja do sol entrava por baixo das telhas e entre as vigas das paredes.

Acordou com o som das sirenes. Choro de crianças, gente pedindo socorro. Olhou em volta, tentando distinguir algo na escuridão da noite. Da casa de madeira, reconhecia as vigas e parte do piso. Restos das moradias vizinhas eram perceptíveis graças aos focos de incêndio. Parte da favela desaparecera, como levada pelo vento. Em desespero, gritou pela mãe. Procurou debaixo de tábuas, dilacerando as mãos. Nada.

Correu tropeçando em madeira, móveis distorcidos e cadáveres, para fora da favela, em direção à estrada. Não queria, não podia olhar para trás. Correu em linha reta por horas, no acostamento, direção oposta aos veículos. Caminhões buzinavam ao passar diante do vulto.

Peguei o lápis e circulei o último parágrafo do texto. Coloquei a observação: melhorar o modo como o personagem é apresentado; descrever melhor como a casa desapareceu. Três cadeiras a minha esquerda, dois jovens, pretos como eu, conversavam. Discutiam a possibilidade de mudar de cidade; ao que parecia, o amigo de um deles conseguira excelente emprego em Blumenau. Esperança e melancolia garoavam nas falas.

Na manhã seguinte, Paulo acordou embaixo de uma árvore, no gramado em frente a um posto de gasolina. Alguém chutara o seu calcanhar.

— Acordou! Tá vivo o piá! — exclamou o jovem que o chutara. Era baixo, pele negra. Seu rosto brilhava como Guaraci. Vestia moletom azul e branco encardido, uniforme de colégio. Boné vermelho e tênis

visivelmente maior que os pés.

Paulo levantou em um salto. Gemeu de dor. Pés eram carne viva. Correrá a noite sem sapato. Pouco se lembrava de como fora parar ali.

— Piá! — disse o jovem, enquanto olhava para os pés de Paulo. — Como você é trecheiro sem nem um chinelo no pé?

Paulo arregalou os olhos. O rapaz riu.

— Trecheiro, trecheiro — fez um gesto com os pés, simulando caminhar. — Quem anda sem rumo.

Os pés de Paulo latejavam. Encostou na árvore.

— Escuta — disse o jovem que o chutara — Não tem sapatos?

Olhei para os tênis. Dedão do pé mandou um oi. Lembrei que certa vez, em uma das aulas de História, o professor comentou que os primeiros sapatos eram símbolos de status da nobreza; os mais pobres usavam qualquer botina improvisada. Isso mudou com a produção em massa. Agora para comprar tênis você só precisava de crédito.

Moleza.

A senhora branca da cadeira à direita olhou para os meus tênis. Riu. Balançou os sapatinhos, mostrando que a sola de um deles estava começando a descolar. Anos que estou com esse, viu — disse sorrindo — Os sapatos antigos duram mais, basta tacar uma cola de vez em quando. Os do meu filho tenho até hoje, quase novos!

Enquanto isso, o jornal da manhã era exibido na televisão. A repórter entrevistava um político negro que ganhou destaque como liderança social no congresso. Prometia gerar mais empregos. Parecia o mesmo entrevistado do dia anterior. Dia cinza também. Lembro que sentei diante da atendente. Ela pediu minha carteira de trabalho, apresentei. — Sem emprego anterior? — perguntou. — Não. — respondi com a verdade, seguida de uma mentira: — Acabei de terminar o ensino médio. Seus dedos inundavam o teclado enquanto olhava para o monitor. — Tínhamos vagas para jovens sem experiência, porém enviamos candidatos suficientes hoje. Não desanima, amanhã surge algo. Três minutos depois eu já estava

fora da agência de empregos. Andava pelas ruas do centro, contando as moedas no bolso para o ônibus.

Voltei a vagar pelo caderno. Os trechos ficavam cada vez mais escassos.

Paulo acordou com o pedaço de papelão trazido pelo vento. Embaixo da marquise de um prédio interditado. Olhou para a direita. Roncando como se o som saísse da forja de Ogum, Heitor. Paulo olhou pensativo para o jovem. Duas semanas após o encontro no posto de gasolina, já conversavam como velhos amigos. Sobreviviam de doações, conseguidas graças à habilidade de Heitor em pedir auxílio. Agora com tênis do tamanho certo, que conseguira doado de uma senhora. Paulo usava sapatos marrons, encontrados em uma sacola de lixo.

Heitor abriu os olhos. Sorriu, exibindo dentes amarelados. Paulo refletiu que seus dentes também estavam daquele jeito. Perguntou para Heitor como conseguiriam comida. O centro era concorrido; cada quadra disputada por diversos moradores de rua.

A barriga roncou. Para esquecer que não tive café da manhã, concentrei a atenção nos temas que planejava escrever. Quem era Heitor?, questão que precisa de resposta, uma vez que participa da jornada da personagem principal ora como aliado ora como rival. A jornada, pelo menos, tinha desfecho razoável, uma ascensão ao Orum. Os jovens entrariam para um grupo de moradores de rua. Conseguiriam reivindicar moradia e refeição. Com destaque e experiência, poderiam ingressar na política. O final da narrativa apresentaria um deles (ainda não decidira qual) propondo erradicar a fome em entrevistas...

O número exibido pelo aviso eletrônico, círculos de luzes vermelhas: 101.

O número no papel cuspidor pela máquina quando eu apertara o botão duas horas antes: 101.

Nada de mariposa na janela. Levantando da cadeira, eu fazia parte

daqueles que nunca encontraram o céu azul. Coisa da minha cabeça. Não existem nuvens cinzas. Fui falar com a atendente. Conseguira pelo menos uma entrevista de emprego, agendada para duas da tarde do mesmo dia, o que soava como ver garoa após ter as telhas quebradas pelo granizo. Ao sair da agência, contei as moedas do bolso: não teria dinheiro para almoçar. Ainda nove da manhã.

O cargo era repositor de mercadorias em um supermercado. Após zanzar pelo centro da cidade, cerca de uma hora depois, pés doendo, lá estava eu, aguardando no portão do local da entrevista.

Eu e uma centena de pessoas, disputando cinco vagas. Reparei. Jovens, piás e gurias, em busca do primeiro emprego. Também senhoras, acima dos trinta, quarenta talvez. Homens maduros, alguns de terno e gravata, a maioria com olhar vazio. O cinza sobre nós.

Horas depois, os entrevistadores dividiram os candidatos em duas salas lotadas. Então avisaram: queremos deixar claro que daremos preferência aos moradores do bairro e regiões próximas. A informação chegou aos meus ouvidos como raio atingindo o campo seco.

Fora da sala, com outros candidatos. Reclamações, decepção. Olhei para o maldito céu acima de mim. Parecia que o sol lutava para escapar do monstro cinzento.

A caminhada para casa foi longa, cheguei final da tarde. Céu abrindo. Neste dia, pelo menos, não teria que dar as más notícias para minha mãe, já que ela dormiria na casa dos patrões. Cuidando dos filhos dos outros para cuidar do seu. Chorei, tendo como testemunha as paredes do barraco.

Lágrimas secas, o estômago roncou. Fui verificar as panelas. Vazias. Coloquei a água para ferver, macarrão era o que tinha. Estava exausto. Sentei na cama, dava para observar as panelas de lá, casa de dois cômodos. O peso nos ombros. Deitei, lutando para manter os olhos abertos, a panela quase fazendo barulho de fervura. Observei o telhado. O laranja do sol entrava por baixo das telhas e entre as vigas das paredes.

MIRAGE_vol02

TIPOGRAFIA ENTRETÍTULOS

Overpass (SIL Open Font License)

TIPOGRAFIA TEXTO

Minion Pro (Adobe Originals)

